

LISTÃO 2012

CAMPEÃ DA UFRGS
A receita de
persistência
de Camila



REVISÃO
UFRGS

22 de novembro



Você vai ver e rever conteúdos importantes.



"Passe na UFRGS":

O imperativo da aprovação veiculado em materiais midiáticos
de cursinhos pré-vestibulares



Isabela Dutra Corrêa da Silva

“Passe na UFRGS”:
o imperativo da aprovação veiculado em materiais midiáticos
de cursinhos pré-vestibulares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof^a Dr^a. Elisabete Maria Garbin

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre
2012

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Isabela Dutra Corrêa da
\"Passe na UFRGS\" - O imperativo da aprovação
veiculado em materiais midiáticos de cursinhos pré-
vestibulares / Isabela Dutra Corrêa da Silva. --
2012.
78 f.

Orientadora: Elisabete Maria Garbin.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Juventudes. 2. Discurso. 3. Dispositivo
Pedagógico. 4. Mídia. 5. Imperativo. I. Garbin,
Elisabete Maria, orient. II. Título.

Isabela Dutra Corrêa da Silva

“Passe na UFRGS”:
o imperativo da aprovação veiculado em materiais midiáticos
de cursinhos pré-vestibulares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 28 de fev. 2012.

Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin – Orientadora

Prof. Dr. Samuel Edmundo Lopez Bello – UFRGS

Profa. Dra. Saraí Patrícia Schmidt – FEEVALE

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – UFRGS

Dedico esta dissertação à pessoa
mais importante da minha vida!
Aquele na qual, pela qual e com a qual busco,
cada dia, ser mais feliz.
A minha Mãe!

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos, Rafael, Marcela e Saja por respeitarem os momentos em que precisei ficar isolada do convívio familiar e por estarem sempre dispostos a me auxiliar no que fosse preciso.

Aos meus avós, Alceu e Jecy, por entenderem minha ausência nos tradicionais almoços de domingo e talvez por não entenderem o que realmente estava fazendo durante os momentos de reclusão. Aos meus familiares, Angela, Eliana, Beatriz, Kiko, Zé Mauro, Rodrigo, Bruna, Tom, Hani e Xodó pelo carinho.

De forma muito especial, quero agradecer a minha orientadora Bethe, pela oportunidade de poder fazer parte do grupo de pesquisa, por acreditar em mim e por sempre me incentivar em cada desafio encontrado. Agradeço pelos encontros de orientação, pelas trocas de emails, pelas mensagens de celular, pelas conversas durante as caronas, pelas manhãs e tardes de convivência. Por me mostrar que a pesquisa é um processo de construção e desconstrução contínuo. Agradeço enfim, pela maravilhosa relação que teve início no último semestre da graduação e que se fortificou durante os dois anos que passamos juntas.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa pelo tempo disponibilizado para as leituras dos meus escritos, pelas sábias palavras e contribuições, pelos momentos de risadas e alegrias proporcionados nos encontros de orientação. Agradeço aqueles do grupo passado, Eloenes e Juliana, e em especial aquelas que me acompanharam durante toda minha caminhada: Angélica, Cíntia, Daniela, Lisandra e Rita. Agradeço ainda à Marília que começou a fazer parte do grupo nos últimos meses.

À Banca Examinadora, Professora Dr^a Saraí Schmidt, Professor Dr^o Samuel Bello, Professora Dr^a Clarice Traversini (presente na etapa de

qualificação do projeto de dissertação) e Professora Dr^a Ivaine Tonini (presente na segunda etapa de avaliação deste estudo), pela leitura atenta, pelas conversas, pelas contribuições e sugestões que foram de extrema importância para a conclusão deste estudo.

Aos meus amigos e minhas amigas, colegas da linha de pesquisa e de outras linhas também, e em especial à Juliana Freitas e Clara Coelho, que estiveram ao meu lado, sempre disponíveis. Agradeço pela amizade, pelas palavras de conforto e pela mão estendida. Além de agradecer, desejo a elas felicidade nesta mesma caminhada.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de estudar nesta instituição de ensino público e de qualidade. Agradeço aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Marisa, Margareth, Elza e Eduardo pela atenção, auxílio e paciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro concedido através da bolsa de estudos durante o período inicial deste Mestrado.

Ao Colégio Americano, meu local de trabalho, pela compreensão e apoio incondicional para a realização e conclusão deste estudo.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma fizeram parte e contribuíram para que este estudo fosse concluído.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

Nas últimas décadas, torna-se possível observar a constituição de um mundo cada vez mais midiaticizado, no qual a mídia, entendida como dispositivo pedagógico, educa, regula e ensina modos de ser e estar no mundo. Tal dispositivo tem nos jovens um público produtivo e promissor para seus investimentos e é nessa relação entre juventudes, mídia e educação, que esta dissertação foi desenvolvida. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar como os discursos veiculados em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares produzem o imperativo de aprovação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O material de análise se constitui de folders, sites, *busdoors*, *outdoor* e campanhas publicitárias de dois cursinhos pré-vestibulares da cidade de Porto Alegre/RS. A construção desta empiria está localizada no período de um ano, sendo de janeiro de 2011 a janeiro de 2012. São analisados os discursos presentes em tais materiais, dando visibilidade aqueles que têm como recorrência a ideia de aprovação na UFRGS. Os caminhos teórico-metodológicos escolhidos para este estudo estão inscritos no campo dos Estudos Culturais em Educação e nos estudos sobre juventudes, tendo como ferramentas para análise, os conceitos de discurso – de inspiração foucaultiana – e o conceito de dispositivo pedagógico. Dentre os achados observa-se que os materiais analisados são constituídos de discursos de responsabilização do sujeito, os quais constituem os jovens vestibulandos como responsáveis por suas escolhas, sejam elas de sucesso – aprovação no vestibular- ou fracasso. Ainda é possível observar que os materiais midiáticos além de veicularem a ideia do tipo de sujeito que está inscrito neste contexto, a saber, sujeitos jovens e alegres, ensinam como tais sujeitos devem agir e se comportar para serem aprovados no vestibular da UFRGS. Nesse sentido é possível inferir que a aprovação nesta universidade se torna um imperativo na vida desses sujeitos, uma vez que está na ordem do dia, na regulação de suas ações.

Palavras-chave: Juventudes. Discurso. Dispositivo Pedagógico. Mídia. Imperativo

RESÚMEN

Es posible observar en las últimas décadas la constitución de un mundo cada vez más lleno de recursos de información, en lo cual la media, comprendida como un dispositivo pedagógico, educa, regula y enseña los modos de ser y de estar en el mundo. Este recurso tiene en los jóvenes un público productivo y prometedor para sus inversiones. Esta disertación fue desarrollada reflexionando la relación entre juventud, media y educación. De esta manera, el objetivo de este estudio es analizar como los discursos involucrados en los materiales midiáticos de los cursos para el examen de admisión en las universidades, produce un efecto imperativo de aprobación en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). El material de análisis se constituye de campañas, folders, *outdoor*, *busdoor*, de dos cursos que preparan para el examen ya citado, localizados en Porto Alegre/RS. La construcción de esta investigación abarca el período de un año, de enero de 2011 hasta enero de 2012. De los discursos analizados los que reciben más enfoque son los que poseen la recurrencia de aprobación en el examen de UFRGS. Los caminos teóricos y metodológicos elegidos para este estudio están en enlace con el campo de los Estudios Culturales en Educación y en los estudios sobre juventud, que poseen como herramienta para análisis los conceptos de discurso – de inspiración foucaultiana – así como el concepto de dispositivo pedagógico. De las constataciones encontradas, se observa que los materiales analizados son compuestas de discursos que responsabilizan el sujeto joven por lo que elige, sea una carrera de suceso – aprobación en el examen o el fracaso. También es posible observar que los materiales midiáticos más allá de enlazar la idea del perfil de sujeto que está en este contexto, a saber, sujetos jóvenes y alegres, enseñan como tales sujetos deben comportarse para ser aprobados en el examen de UFRGS. En este sentido es posible inferir que la aprobación en esta universidad se torna un imperativo en la vida de los sujetos, ya que el discurso funciona como un orden, una regulación de sus acciones.

Palabras-clave: Juventudes. Discurso. Dispositivo Pedagógico. Recursos de información. Imperativo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Você é o resultado das suas escolhas.....	56
Figura 02: Site do Universitário.....	57
Figura 03: Prepare-se para as provas da UFRGS.....	58
Figura 04: 10 dicas.....	59
Figura 05: Use a cabeça.....	61
Figura 06: A receita da persistência.....	62
Figura 07: Saída do cursinho.....	64
Figura 08: Timão UFRGS.....	64
Figura 09: Passei na UFRGS.....	65
Figura 10: Site Unificado - Eventos.....	66
Figura 11: Cobertura Vestibular.....	67
Figura 12: Festa das Tintas.....	67
Figura 13: Redes sociais.....	68
Figura 14: Listão 2012.....	70
Figura 15: Sujeitos jovens vestibulandos.....	72

Acho que o processo criador de um pintor e
do escritor são da mesma fonte.
O texto deve se exprimir através de imagens e
as imagens são feitas de luz, cores, figuras,
perspectivas, volumes, sensações.

(Lispector)

SUMÁRIO

1. DOS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	13
2. CARACTERIZANDO O ESPAÇO DA PESQUISA.....	24
2.1 O que rola por aí? - produções no campo dos estudos sobre juventudes.....	24
2.2 Das Universidades.....	28
2.3 Dos cursinhos.....	36
2.4 Sobre cultura, mídia, juventudes e educação.....	42
3. CONCEITOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS – dos jeitos e maneiras ou dos fazeres da pesquisa em educação.....	47
4. DAS RECORRÊNCIAS ÀS ANÁLISES.....	55
4.1 “Você é o resultado das suas escolhas”.....	56
4.2 “Para passar na UFRGS é preciso muito mais” – é preciso pertencer.....	64
5. O NOME NO ‘LISTÃO’ – algumas considerações.....	70
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

1 DOS CAMINHOS PERCORRIDOS...

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos - sou eu que escrevo o que estou escrevendo. (LISPECTOR, 1998, p.11)

Início esta Dissertação com as palavras de Clarice Lispector, extraídas de seu último livro publicado em vida *A Hora da Estrela*¹. Assim compreendo o ato de escrever como um exercício interminável, o qual nunca está completamente criado, definido, pronto. E como é um exercício, não está livre dos erros, das armadilhas, dos acontecimentos que por muitas vezes me levaram a parar a escrita e refletir: o que (não) estou fazendo?

A escritura² dessa dissertação se constituiu em um caminho incerto, duvidoso, confuso, deslizante, carregado de dúvidas e anseios. Ora se tornou claro e passível de ser trilhados, ora se tornou obscuro, escondendo suas armadilhas e perigos. Muitas vezes parece que estamos caminhando sem sair do lugar, aí um sentimento de angústia toma conta e produz uma espécie de *blackout*, que parece nunca mais ter fim. Outras vezes parece que encontramos o caminho certo, no desejo de encontrar aquelas respostas que muitas vezes são perseguidas na pesquisa. Por mais que se diga que não procuramos respostas certas, que não procuramos verdades absolutas, em alguns momentos essa vontade emerge e toma as rédeas do caminhar. Mas nessa hora é preciso se perguntar: existe mesmo uma verdade a ser perseguida? O desejo de verdade, a vontade de verdade de um sujeito racional, centrado deve ser problematizada e colocada em suspenso. Assim me apoio em Bauman (2001), o qual enfatiza que vivemos em uma sociedade líquida, na qual os elementos, as idéias, as verdades são provisórias e nunca darão conta de tudo. São

¹ LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Este livro foi publicado pela autora em 1977 e em 1985 foi adaptado para o cinema. É um romance que pode ser entendido a partir de dois olhares. Primeiramente conta a história de uma retirante, Macabéa, que passa a viver na cidade do Rio de Janeiro, onde se depara com inúmeras diferenças culturais. A retirante é protagonista de uma vida pacata, sem grandes emoções, até que certo dia é atropelada e vive sua “hora da estrela”. Outro olhar, que lanço mão ao utilizar o excerto do livro, refere-se ao papel do escritor, o qual nunca cessa, uma vez que o mundo não é, ele está sendo. Assim sempre existirão perguntas, dúvidas, estranhamentos, etc.

² Compreendo escritura como a forma, estilo próprio que a escrita assume.

respostas, dúvidas e buscas pertinentes a um momento datado e localizado. Nesse sentindo, a cada momento surgirão outras perguntas que não serão contempladas com as atuais respostas. E quando acharmos que encontramos a solução, outras dúvidas, questionamentos e perguntas se farão presentes, produzindo um curso que não tem fim, que é interminável. Numa sociedade em constante movimento, tudo se reatualiza. O que quero dizer, é que por mais que em determinado momento, encontremos respostas que nos sirvam e se apresentem como satisfatórias, é preciso ter em vista, que estas não são fixas, mas sim foram construídas para esta dada situação, e devem ser vistas como provisórias.

Assim a escritura dessa dissertação se constitui em um processo de busca por palavras, de um compartilhamento de palavras. Mas naquele entendido por Larossa (2002), em que as palavras

[...] são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras.(p.21)

Assim, é através de palavras, de milhares delas que tento, de certa forma dar sentido ao que escrevo. Esta composição de palavras deu forma a essa dissertação, a qual partiu inicialmente de algumas experiências pessoais. Poderia aqui contar sobre minha trajetória de vida desde o início da escolarização até o meu ingresso na Universidade. Mas acredito que não seja do interesse de todos saber quando ingressei na Educação Básica, quando aprendi as quatro operações matemáticas, quando descobri que o Brasil fora descoberto por índios, quando soube utilizar a rosa-dos-ventos para me localizar na cidade, etc. Portanto, o que apresento aqui é uma seleção interessada de alguns momentos e acontecimentos que são o começo da minha inquietação, que de uma forma ou de outra, relacionam-se com a pesquisa aqui desenvolvida.

Quando estava no Ensino Médio (no período de 2002 a 2004), a principal preocupação, minha, dos meus colegas, pais e professores, se resumia à pergunta: *vai tentar vestibular para que curso?* Assim que me deparava com essa pergunta, contrariamente, não me deparava com sua resposta. Fato que me deixava mais preocupada ainda, afinal, eu já tinha quase 18 anos e precisava escolher um curso

que me encaminhasse a uma profissão, a qual, talvez pudesse me acompanhar para o resto da vida. Independente da minha escolha, a qual ainda era uma dúvida, havia uma certeza, diante da qual eu não vi obstáculos nem impedimentos, a saber a opção de universidade: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul³. Assim como eu, a maioria dos jovens tem o sonho e o desejo de estudar na UFRGS. Arrisco a dizer que é a maioria, pois o processo seletivo para ingressar na UFRGS é o mais concorrido. Por muito tempo eu ouvi, desde o Ensino Médio que esta é a melhor Universidade, que é preciso estudar e se dedicar para ser aluno da UFRGS, pois são poucos os que conseguem ingressar. Por que a maioria dos jovens que irão prestar vestibular, querem entrar na UFRGS?

Um dos primeiros motivos que se destaca é o fato de ser uma Universidade em que não se paga mensalidade, pública. Fator que se torna muito relevante, pois o Ensino Superior Privado no Brasil, mais especificamente em Porto Alegre, demanda um grande investimento financeiro, desde o elevado valor das mensalidades até a utilização de materiais, livros, etc. Mas não é só a questão financeira, que faz da UFRGS, algo tão almejado. Realmente, há que se destacar que as universidades públicas, garantem uma espécie de *status* – o qual é entendido aqui como uma posição privilegiada, de destaque em determinados contextos - para seus estudantes, uma vez que possuem um ensino de qualidade e oportunidades de desenvolver pesquisas em diversas áreas e locais do mundo, através de parcerias com outras universidades e demais instituições. Outro fator importante é a dificuldade do processo seletivo para ingresso nas universidades públicas. Para o Concurso Vestibular de 2011, que ocorreu no período de 09 a 12 de janeiro de 2011, havia 36.314 candidatos inscritos para 5.018 vagas⁴, o que resulta em menos de 14% dos inscritos com aprovação. Já para o próximo processo seletivo, que ocorrerá de 8 a 11 de janeiro de 2012, houve um aumento de aproximadamente 13% dos inscritos, ou seja, 41.009 será o número de alunos participando do vestibular, os quais irão concorrer a 5.290 vagas, ou seja, apenas 12% ingressarão na universidade. É interessante notar que o número de vagas não

³ Ao fazer referência pela primeira vez à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilizo seu nome por extenso, entretanto, ao longo do estudo, opto por utilizar a sigla UFRGS.

⁴ Dados retirados do site <<http://www.vestibular.ufrgs.br>>

aumenta na mesma proporção que o número de candidatos, e ainda diminuiu 2% em relação ao concurso vestibular anterior.

Nesse sentido é possível afirmar que enfrentar esse processo seletivo e ser um dos cinco mil aprovados garante reconhecimento ao jovem, tanto no contexto familiar, quanto frente aos amigos, ao mercado de trabalho, à sociedade em geral.

Assim como eu, desde o Ensino Médio, muitos jovens são subjetivados por tais discursos, escutando dos professores, dos familiares, que *para entrar na UFRGS tem que estudar mais; não basta ser bom, tem que ser o melhor; é a melhor Universidade que temos; se continuarem brincando e não estudando, vão ter que pagar universidade particular.*

Estudei, no ano de 2005 num Curso Pré-vestibular da cidade, numa sala de aula com aproximadamente 100 alunos. Logo na entrada do prédio, há um mural com o nome dos alunos que foram aprovados no último vestibular. Em seguida há um *slogan* que traz o seguinte recado: *“Passe na UFRGS”*. As aulas com professores engraçados, divertidos, cênicos, performáticos, performativos, que contam (essa característica é permanente em tais cursinhos!) piadas durante as aulas e se utilizam delas para ‘ensinar’ o conteúdo tão temido pelos futuros vestibulandos. Durante as aulas, na correção de alguns exercícios, os professores diziam: *“esse tipo de questão é característico nas provas da UFRGS”*; ou ainda *“no vestibular da UFRGS do ano passado teve uma questão praticamente igual a esta”*.⁵ Todas as falas convergiam para um foco: a UFRGS. Arrisco dizer que no período em que realizava meu cursinho, eu já me sentia uma ‘aluna’ da UFRGS, por conhecer tão bem as questões do vestibular e era justamente nessas questões que eu investia meus estudos, afinal, eu queria ser aprovada no vestibular e ingressar na UFRGS.

Lendo este texto, pode parecer e é repetitiva a quantidade de vezes que aparece a palavra UFRGS, mas não é acidental, ou decorrente da falta de atenção durante a revisão do texto, essa sigla de cinco letras, estava realmente presente em vários lugares. Seja pronunciada por professores, escrita em cartazes, em páginas de jornais, sites, ou até mesmo imaginada por mim e por milhares de jovens que

⁵ Em relação às questões que constituem as provas do Vestibular da UFRGS, é muito recorrente encontrar livros e cadernos com questões de vestibulares anteriores. Muitas vezes são questões comentadas por professores de diferentes cursinhos pré-vestibulares.

iriam fazer vestibular naquele ano. A UFRGS era (e é) o sonho de muitos jovens do estado do Rio Grande do Sul e cercanias. Ao caminhar pelas ruas da cidade de Porto Alegre, os sujeitos são interpelados por diferentes artefatos culturais midiáticos que expressam em si, através de imagens e *slogans* o imperativo de aprovação na UFRGS, através de discursos de responsabilização do sujeito.

Depois de estudar um ano no chamado 'cursinho', fiz vestibular para o curso de História e não passei na UFRGS, mas passei na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Muitos podem pensar que foi ótimo, pois agora eu ingressava no Ensino Superior. Mas não foi, pois eu fui subjetivada pelas falas, *slogans* e narrativas que destaquei anteriormente. Como efeito disso trago o episódio da minha matrícula no curso de História da PUCRS. Quando fui realizar minha matrícula, minha mãe me acompanhou, pois eu não queria ir. Ela me convenceu, dizendo que era uma universidade de alta qualidade, com bons professores, reconhecida, etc⁶. Podia ser uma universidade excelente, mas não era a UFRGS. Resultado disso foi que fiz minha matrícula, e depois fui chorando durante o caminho de volta até minha casa. Até o primeiro dia de aula, eu estava determinada que cursaria apenas um semestre e depois iria trancar minha matrícula para estudar para o vestibular da UFRGS. As aulas começaram, os dias foram passando, as disciplinas me interessando e tudo aquilo se transformava em algo muito importante e prazeroso. Um ano se passou, e apesar de toda minha felicidade, eu ainda almejava estudar na UFRGS, mas por quê?

Era algo que não silenciava em meus pensamentos, constantemente eu imaginava tudo o que eu estava vivendo ali, e transportava para outro espaço, para o Campus do Vale⁷. Sem dúvida, eu queria estudar na UFRGS. Devido à grande demanda de textos, provas, trabalhos, não pude me dedicar aos estudos para o vestibular. O curso de História na UFRGS era concorrido, e era bem provável que eu não passasse. Então decidi recorrer à outra paixão, que estava guardada: trabalhar com crianças. Inevitavelmente, somos subjetivados pelo discurso de que para fazer

⁶ Gostaria de destacar que este estudo não tem com objetivo emitir juízo de valor, nem mesmo colocar em comparação diferentes universidades do Rio Grande do Sul, tampouco estabelecer relações que contraponham universidade pública e privada.

⁷ O Campus do Vale é um dos Campi da UFRGS, que está localizado no Bairro Agronomia, na cidade de Porto Alegre. Nesse Campus estão localizados os cursos de História, Filosofia, Ciências Sociais, Biologia, laboratórios das Engenharias, entre outros.

Pedagogia é preciso, como pré-requisito, gostar de criança. E de certa forma, esse discurso conduziu minha escolha por cursar Pedagogia. Prestei vestibular para Pedagogia – Educação Infantil⁸ fui aprovada e havia alcançado meu maior sonho: ser aluna da UFRGS. Está certo que ainda não era no curso que eu gostaria, mas sobre isso prevalecia o desejo de ser aluna da UFRGS. Hoje, estou formada em Pedagogia e encerro meu Mestrado, no qual desenvolvi esta pesquisa, mas acompanho outros jovens (familiares e amigos) e vejo que não era apenas eu quem gostaria de ser aluna da UFRGS, muitos outros querem estar entre os cinco mil aprovados no vestibular desta Universidade. Assim, a vontade de ser aluno da UFRGS impera sobre outras prioridades tornando-se um objetivo a ser alcançado.

Entender a aprovação na UFRGS como um imperativo, me fez recorrer ao dicionário, a fim de compreender etimologicamente o sentido dessa palavra. Assim, segundo o site de pesquisa Wikipedia “o imperativo é o modo verbal que expressa uma ordem, um pedido, uma recomendação, ou ainda, um convite, e geralmente um conselho ou uma suplicação, mas não deixa de ser uma ordem”. Ou ainda, segundo o Dicionário Online de Português, é um adjetivo que tem como característica, impor e mandar com autoridade. Em suma, o imperativo é entendido aqui neste trabalho como sinônimo de ordem, como algo que impera sobre outra coisa, como algo que está na ordem do dia.

Entretanto faz-se necessário registrar que imperativo é um dos conceitos centrais do pensamento moral kantiano. O imperativo segundo Kant (1980), pode se apresentar de duas maneiras, a saber, hipotético e categórico. O imperativo hipotético tem como objetivo ordenar uma ação para se atingir um fim, ou seja “devo fazer alguma coisa, porque quero qualquer outra coisa” (p.145). Em relação ao que se quer conseguir, atingir, o imperativo hipotético pode ter o seu princípio de ação visto como problemático, uma vez que transita na possibilidade de acontecer, está na ordem das práticas, sua ação é incondicionada. Por exemplo, não importa como vou agir para conseguir o que quero, o que importa é atingir a finalidade. Ou pode ser visto como assertórico, quando está na condição do real, da prudência, assim sua ação é condicionada. Em suma, o imperativo hipotético pode ser visto como aquele

⁸ Naquele ano de 2006, o currículo do curso de Pedagogia, era dividido em duas ênfases: Educação Infantil e Séries Iniciais. Apenas ao final deste ano, houve a implementação do novo currículo, o qual elimina as ênfases e oferece a formação de Pedagogia-Licenciatura.

que pretende uma ação para se atingir apenas a um fim específico. E não porque esta é uma ação boa. É em contrapartida a isso, que podemos entender o imperativo categórico, em que a ação é ordenada em função única e exclusiva de si mesma e não simplesmente para se atingir um objetivo.

Alguns estudos utilizam o conceito de imperativo, entretanto não o abordam a partir da perspectiva kantiana, mas sim no entendimento etimológico da palavra. Destaco alguns destes estudos, com o objetivo de mostrar como esse conceito está sendo operado em tais pesquisas. No estudo realizado por Provin (2011), a autora problematiza o imperativo da inclusão veiculados em sites de universidades comunitárias, nesse sentido, o imperativo é “entendido como algo que se impõe, tem a característica de ser inegociável” (p.13). Nessa mesma direção Mello (2010), problematiza o imperativo da vida saudável veiculado em campanhas publicitárias de alimentos saudáveis. A autora não chega a definir o conceito de imperativo, entretanto é possível observar que ao longo do seu estudo, também é entendido na direção da imposição, do que impera sobre outras coisas. Ainda nesse sentido, Daufemback (2008), ao analisar a produção de um imperativo do corpo magro na revista *Capricho*, também articula esse conceito a partir dessa mesma concepção, de algo que se impõe, que se faz necessário, que se torna a regra, a ordem para determinado sujeito. Ramiro (2009), embora também não dê ênfase ao conceito, o aborda através do imperativo “seja saudável”, o qual é veiculado documentos oficiais de promoção da saúde e políticas de alimentação saudável. Nesse estudo o conceito de imperativo também é compreendido como algo que é a regra, que dita a ordem “seja saudável”.

Há ainda outros estudos que tem como foco a análise de algum imperativo: seja magro, seja saudável, alimente-se bem, seja feliz, inclua, enfim, são expressões que tem em comum o caráter de mandamento e ordem. Assim, é nessa mesma direção que tal conceito é entendido nessa dissertação, ou seja, a aprovação na UFRGS, como a ordem do dia, como fator que impera sobre outros.

A cada ano, mais de 30 mil pessoas, se inscrevem para concorrer ao vestibular da UFRGS. Desses, muitos fazem cursinhos preparatórios para as provas, as quais ocorrem em quatro dias do mês de janeiro. Entretanto apenas 4 mil são aprovados.

Durante o processo de preparação para o vestibular, é possível visualizar nos cursinhos, que a maioria dos seus alunos são jovens, não devido apenas a questão etária, mas sim a um estilo de vida, a um conjunto de práticas que os constituem como tal. São jovens de setores médios e altos da sociedade os quais podem usufruir, por um tempo maior as experiências juvenis. Suas responsabilidades e seus compromissos com a vida adulta são adiados. Esse público goza de mais tempo para se dedicar aos estudos, diferentemente dos grupos sociais pertencentes a classes econômicas desfavorecidas, os quais necessitam ingressar precocemente no mercado de trabalho, pois constituem parte da renda familiar. É nestes cenários distinto que as juventudes contemporâneas vem se constituindo. Nessa direção Margulis e Urresti (1998), abordam a moratória social e a moratória vital. A moratória social pode ser pensada como um período em que os jovens tem a

[...] oportunidade de estudar, de postergar seu ingresso às responsabilidades da vida adulta: se casam e tem filhos mais tardiamente, gozam de um período menor de exigência, de um contexto social protetor que faz possível a emissão durante períodos mais longos, dos signos sociais do que geralmente se chama juventude. (p.2)

Paralelo a isso, se constituem aqueles jovens que não vivenciam esses privilégios, e que tem a necessidade de ingressar no mercado de trabalho, antecipando suas responsabilidades, vivendo o período da moratória vital. Os alunos dos cursinhos pré-vestibulares geralmente são de classes econômicas mais favorecidas, uma vez que tem a oportunidade de estudar em um cursinho pago, se dedicar somente aos estudos, vivenciando as mais variadas experiências nesse espaço, como festas, eventos literários, grupos de estudo, etc. Ressalto que estas inferências são resultados da minha experiência pessoal quando aluna de cursinhos pré-vestibulares e a partir da convivência com jovens que freqüentam estes espaços.

Entretanto, viver o período da moratória social, é privilégio de alguns jovens. Aqueles que não tem o privilégio de usufruir desta moratória, vivem o que os autores chamam de moratória vital, que é um conceito que complementa a moratória social. A moratória vital, considerada pelos autores como capital energético (p.6), é possível varia de acordo com a classe social e econômica do jovem, uma vez os

investimentos culturais, podem alargar o tempo da moratória vital. Aqueles jovens que não usufruem da moratória social, tem seu tempo limitado cronologicamente e biologicamente, uma vez que se parte do entendimento de que ser jovem é uma construção permeada por investimentos e práticas culturais.

Uma das formas de pensar a produção da juventude, é atrelada aos meios de comunicação, pela cultura da mídia que se alarga diariamente, seja impressa (jornais, revistas e folders), eletrônica (TV e rádio), digital (internet) e exterior (outdoor e busdoor). Dessa forma, é possível pensar que a produção de si e os modos de existência dos sujeitos jovens, também estão associados a esses meios de comunicação, nessa direção, Fischer (2002) argumenta que a constituição de si

[...] para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens – se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. (p.153)

Portanto, pensando a mídia como um lugar onde se produz e circula não apenas informação, mas sim uma série de valores, significados, sentidos, discursos, representações, é possível compreendê-la no seu caráter pedagógico, uma vez que ensina como devemos ser e o que devemos fazer com nossa vida. Entretanto, não irei neste estudo analisar o que os sujeitos jovens estão fazendo com as suas vidas, ou ainda como a mídia está produzindo esse sujeito jovem vestibulando. Mas sim, me instiga tentar compreender que discursos são esses de cursinhos pré-vestibulares que circulam na mídia? Que tipo de sujeito é então veiculado? Que valores e concepções circulam neles? Esses são alguns dos questionamentos que deram início à construção do problema de pesquisa desta dissertação, o qual segundo Corazza (2002) “[...] só é constituído como problema – configurado, delineado, esclarecido, produzido, iluminado, feito visível e enunciado -, desde as práticas teóricas que o tornam problemático, que o criam enquanto problema”. (p. 114-115)

Nessa direção, Costa (2002) e Veiga-Neto (2002) alertam para uma das questões mais importantes no que se refere ao problema a ser investigado em uma determinada pesquisa. Não escolhemos um problema porque ele está aí, a espera de alguém que resolva querendo entendê-lo e resolvê-lo, encontrar uma solução, uma verdade para ele. Os problemas só se tornam problemas, quando nós, pesquisadores e pesquisadoras escolhemos olhar para ele como um problema. Ou seja, nossas ideias sobre as coisas é que constituem tais coisas, ou ainda: “[...] são os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo” (VEIGA-NETO, 2002, p. 30). Nesse sentido, os problemas não estão para serem descobertos, mas para serem criados.

Assim sendo, o problema de pesquisa é produzido devido à escolha das lentes teóricas, dos olhares que serão lançados nesta direção. Portanto, é a partir das lentes teóricas do campo dos Estudos Culturais em Educação que lanço mão para a construção do problema de pesquisa desse estudo, o qual se configura na seguinte pergunta: **Como discursos veiculados em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares produzem o imperativo de aprovação na UFRGS?**

A partir desse questionamento, proponho como objetivos: **1) Problematizar discursos sobre aprovação na UFRGS veiculados em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares; 2) Analisar em que medida a regularidade da expressão *Passe na UFRGS*, presente em tais materiais constitui-se em um imperativo de aprovação.**

Dessa forma, com o objetivo de situar os leitores sobre as discussões e problematizações acerca do tema desta dissertação, construí tal pesquisa em quatro capítulos.

Em um primeiro momento no capítulo intitulado “Caracterizando o espaço da pesquisa”, situo o leitor acerca do terreno em que esta pesquisa está localizada. Entendendo que este não é um espaço físico, mas que se apresenta como a possibilidade atual para o desenvolvimento deste estudo. Tal capítulo é subdividido em quatro partes, a saber, “*O que rola por aí*” – produções no campo dos estudos sobre juventudes, no qual destaco as produções que vem constituindo as juventudes como um objeto de estudo necessário e urgente no cenário pós-moderno. Posterior

a isso, no subcapítulo “Das Universidades”, realizo um resgate histórico acerca da criação das primeiras universidades, desde o período medieval, até os dias atuais. Em seguida, destaco a história “Dos cursinhos” preparatórios, os quais, apesar de terem sua criação recente, foram se desenvolvendo e hoje ocupam um notório espaço na cidade de Porto Alegre. Finalizando este capítulo, abordo as noções de cultura, mídia, juventudes e educação, as quais são centrais na escrita desta dissertação, uma vez que essa se localiza no campo dos Estudos Culturais em Educação. Busco apresentar a relação que os sujeitos jovens estabelecem com a mídia, pois a partir desta relação, estes se constituem de maneiras específicas, uma vez que a mídia produz, educa e ensina modos de estar e ser sujeito no mundo.

No capítulo três “Conceitos teórico-metodológicos – dos jeitos e maneiras ou dos fazeres da pesquisa em educação”, apresento a forma como tal estudo foi desenvolvido, descrevendo os movimentos que deram forma a esta pesquisa. Nesse sentido, apresento as ferramentas escolhidas para olhar para material empírico as quais se mostraram suficientes para a análise dos materiais.

O capítulo quatro “Das recorrências às análises”, apresenta a maneira como os materiais midiáticos foram selecionados para dar corpo aos eixos analíticos, os quais são apresentados nos subcapítulos “Você é o resultado das suas escolhas” e “Para passar na UFRGS é preciso muito mais” – é preciso pertencer!. No primeiro eixo, problematizo o discurso de responsabilização do sujeito, o qual está presente nos materiais analisados dos cursinhos pré-vestibulares, o qual deposita no sujeito a responsabilidade por suas escolhas, sejam elas produtoras de sucesso ou fracasso. No segundo eixo, problematizo, a forma como os materiais midiáticos produzem um tipo de sujeito que deve frequentar os cursinhos pré-vestibulares e conseqüentemente ingressar na UFRGS. Em diversos materiais, é possível encontrar sujeitos jovens, alegres e felizes, os quais frequentam festas, eventos literários, entre outras práticas reconhecidas do universo jovem.

No último capítulo “O nome no ‘listão’ – algumas considerações” apresento algumas reflexões que foram feitas a partir do estudo desenvolvido. Não apresento respostas às perguntas feitas, mas sim algumas possibilidades para pensar a relação entre mídia, juventude e educação.

2 CARACTERIZANDO O ESPAÇO DA PESQUISA

Assim como toda pesquisa é feita em um espaço e tempo datado e localizado, esta não seria diferente. Ou seja, ela ocorre em um determinado período, com condições históricas, sociais, políticas e culturais que permitem que este estudo seja desenvolvido. E assim como este, outros estudos foram desenvolvidos acerca de temáticas que ora se aproximam, ora se distanciam, ora se misturam, enfim, são estudos que de certa forma não podem ser esquecidos de serem mencionados. Nesse sentido, apresento neste capítulo, algumas das pesquisas que tem como temática central os sujeitos jovens, suas práticas e saberes que produzem uma cultura específica; em seguida trago os estudos nos quais enxergo uma aproximação com esta dissertação, ou seja, aqueles que têm como foco não somente os sujeitos jovens em seu aspecto geral, mas especificamente os jovens de cursinhos pré-vestibular e a análise de campanhas publicitárias ou outros materiais midiáticos com relação a este público. Após trazer este apanhado de pesquisas, passo a focar mais especificamente nos espaços nos quais está engendrado este estudo, a saber, o processo de criação da Universidade, desde o período medieval até os dias de hoje; os cursinhos pré-vestibulares, bem como os sujeitos que se constituem nesse espaço; os materiais midiáticos dos cursinhos pré-vestibulares analisados de Porto Alegre. Esses três tópicos irão delinear o espaço em que a pesquisa foi construída e pensada.

2.1 O que rola⁹ por aí? – Produções no campo dos estudos sobre juventudes

Ao tomarmos uma temática como um problema de pesquisa, nós, pesquisadores em educação, devemos fazer um levantamento sobre as produções existentes acerca desta temática. Como já foi dito anteriormente, faço parte de um grupo de pesquisa, que tem como foco central investigar as culturas juvenis, que são entendidas aqui como as experiências sociais expressas coletivamente. Nesse campo há inúmeras pesquisas já desenvolvidas, bem como os estudos realizados

⁹ A expressão “rola”, do verbo rolar, é muito utilizada pelo público jovem para fazer referência a elementos ou coisas que estão presentes no dia-a-dia, ou seja, que estão acontecendo. No título desta sessão, a expressão está sendo usada como sinônimo do verbo “existir”.

no grupo de pesquisa, dos quais destaco alguns e apresento a seguir na sua ordem cronológica de finalização: Pereira (2006) "*Somos expressão, não subversão! - A gurizada punk em Porto Alegre*", na qual a autora analisa as tramas narrativas de jovens ditos punks, nas quais esses sujeitos narram si mesmos, narram os outros e são narrados. A partir dessas análises foi possível inferir que a partir das práticas culturais, esses sujeitos constroem uma identidade punk pertencente ao grupo, produzindo uma jeito de ser e estar punk na cidade de Porto Alegre; Já Rossi (2007), em sua dissertação intitulada "*Patrolando juventudes: o caderno Patrola ensinando jovens a consumir*" aponta que o mercado jovem é um mercado muito promissor, pois fabrica produtos para este público e ainda torna rentável aquilo que é fabricado pelos jovens, uma vez que há um desejo de ser, estar e continuar jovem na contemporaneidade; Camozzato (2007) em "*Habitantes da cibercultura : corpos 'gordos' nos contemporâneos modos de produzir a si e aos 'outros'*" analisa três comunidades do site de relacionamento Orkut, que tem como foco os corpos gordos. A partir dessas análises, a autora aponta que há uma inseparabilidade com aquilo que estamos fazendo com nós mesmo e aquilo que estamos fazendo com nossos corpos e com os outros; Corrêa (2007) em "*No escurinho do cinema... Sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos*", analisa dois filmes de produção hollywoodiana, os quais são apontados como Pedagogias Culturais, uma vez que ensinam e fixam padrões sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade; Severo (2008) em "*As gurias normais do curso normal do Instituto de Educação de Porto Alegre*" analisa as negociações identitárias que alunas do curso normal fazem entre a condição de ser jovem e ser professora. A autora aponta que as jovens do estudo transitam, deslocam-se, e fazem movimentos alternados entre várias posições de sujeitos; Silva (2008) em "*Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua*" a partir das análises de práticas culturais que funcionam entre um grupo de jovens homoafetivos – que trocam afetos com pessoas de mesmo sexo – num espaço urbano de Porto Alegre – RS, destaca que tais jovens utilizam-se de performances homoafetivas lugarizantes para demarcar um território, como forma de resistência à ordem heteronormativa e de consumo instituída; Linck (2009) em "*Hora do recreio! Processos de pertencimento identitários juvenis nos tempos e espaços escolares*" analisa a hora do recreio escolar, como um momento que se constitui como um importante lugar de socialização, de tensionamentos, de processos de pertencimentos, que ultrapassam o espaço da sala de aula e do

currículo formal; Lima da Silva (2010) em “*A Gente Chega e Se Apropria do Espaço! Graffiti e Pichações Demarcando Espaços Urbanos em Porto Alegre*” analisa práticas culturais de jovens pichadores e grafiteiros de Porto Alegre, as quais apontam que esses jovens atuam em redes sociais móveis, plurais e abertas, reforçando suas condições de ser e estar jovem em contextos contemporâneos. Ainda aponta para a característica transgressora de tais práticas, o que indica formas de resistência desses grupos.

Os estudos citados acima tem se debruçado sobre a temática das culturas juvenis em diferentes espaços e tempos contemporâneos. Os sujeitos jovens, foco central destes estudos, são, segundo Garbin (2011), jovens de difícil captura, múltiplos, sincopados, singulares, culturais e contextuais. Por muito tempo, esses grupos de jovens, eram vistos e classificados como sujeitos que estavam fora da ordem, ou que ainda desordenavam a ordem vigente, seja através de pichações nas ruas, seja nos modos de vestir (como por exemplo, os que se narram *punks*, que na sua maioria, vestem-se de preto) que afrontassem uma determinada estética social aceitável. Atualmente, estudos como os citados acima, tem mostrado que as culturas juvenis não são ou não estão aí para ir contra o que é aceitável. Mas sim, são grupos que através das suas práticas, têm ressignificando os múltiplos espaços, tempos e conteúdos contemporâneos.

Além das produções realizadas no grupo de pesquisa, as quais, atualmente estão inseridas no projeto maior *Culturas juvenis contemporâneas – cenários de múltiplos desordenamentos*, orientado pela Professora Dr^a Elisabete Maria Garbin, realizei uma pesquisa no Banco de Teses da CAPES. Fazendo a pesquisa pela palavra-chave “pré-vestibular”, obtive um número de 114 pesquisas, sendo estas, sobre os docentes dos cursinhos, sobre os alunos dos cursinhos populares, permanência na universidade de alunos advindos de cursinhos populares, cursinhos para negros, etc. Ao fazer a pesquisa pela palavra chave “materiais midiáticos e juventudes”, obtive um número de 5 trabalhos. Inicialmente destaco Schmidt (2006), que desenvolveu a tese de doutorado intitulada “*Ter atitude: escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*”, no espaço da Educação e Comunicação, tendo como referencial teórico básico os estudos de Bauman. A autora analisa, através da mídia impressa, a importância da expressão

ambivalente “ter atitude” no universo jovem, espaço este também de ambivalências. Ainda destaca que tal expressão encontra no universo jovem, “um lócus notável para sua efetivação”(p.46). Schmidt aborda o conceito de mídia a partir das discussões de Fischer (1996; 2004) a qual enfatiza o caráter pedagógico da mídia, uma vez que essa ensina, orienta, incita, conduz, convida sujeitos a se posicionarem e agirem de uma maneira e não de outra. Nessa mesma direção de abordagem sobre a mídia, Hoff de Mello (2009), desenvolveu sua dissertação de mestrado intitulada “*Campanhas Publicitárias 'Vendendo Saúde': Discurso científico na mídia validando modelos de vida saudável*”, na qual a autora analisa campanhas publicitárias de dois produtos alimentícios, os quais produzem e fazem circular modelos de vida saudável. Outro estudo que toma como corpus de análise a mídia numa abordagem de Lévy (1999), é o estudo de Provin (2011). Neste estudo, a autora analisa mais especificamente sites de doze Universidades Comunitárias Gaúchas, apontando que essas universidades produzem atitudes de inclusão, uma vez que criam programas e estratégias que visam o acesso e a permanência de alunos no ensino superior. Outro estudo “*Universitário S/A: estudantes universitários nas tramas de Vestibular/ZH*” no qual balizei muitas das minhas discussões foi desenvolvido por Silva (2008). O autor problematiza sobre os modos de constituição de sujeitos universitários na contemporaneidade, a partir da análise de uma mídia impressa, o caderno Vestibular/Zero Hora. Após as análises, é possível inferir que o suplemento analisado é “produtivo em táticas e em estratégias que tendem a constituir um sujeito universitário produtivo economicamente, capaz de gerir sua vida pessoal e profissional em uma lógica empresarial, uma lógica de mercado” (p.18). Antes de chegar a essas análises, o autor percorre um interessante caminho sobre o surgimento da Universidade na Idade Média até os dias de hoje. Compartilho desse percurso, uma vez que acredito que seja produtivo para este estudo em questão, apresentar os deslocamentos, continuidades e descontinuidades do ensino superior.

Não nego a possibilidade da existência de outras pesquisas sobre esta temática, entretanto, os estudos mencionados acima, serviram como fontes produtivas de pesquisa para esta dissertação.

2.2 Das Universidades...

A Universidade não é uma invenção recente, segundo Burke (2003), sua invenção data do período medieval. Marcada fortemente pela representação da Igreja Católica, a Idade Média é caracterizada pelo modelo econômico baseado no feudalismo, além das grandes pestes e guerras ocorridas nesse período. A presença da Igreja era vista em toda a sociedade, nesse sentido a universidade não ficaria de fora

[...] a maioria dos professores e alunos das universidades era constituída por membros do clero, muitas vezes membros de ordens religiosas, principalmente dominicanos, que contavam com o mais famoso dos professores medievais: Tomás de Aquino. Pesquisadores acadêmicos do porte de Alberto Magno e Roger Bacon eram frades (BURKE, 2003, p.28)

A universidade não era associada a toda a sociedade, mas sim a uma elite letrada, uma elite do saber, a qual estava contemplada em grupos de reconhecido *status*, como médicos e advogados, além dos membros da Igreja Católica. Nesse sentido é possível inferir que a universidade não era para todos, mas sim para uma pequena elite capaz de disseminar os conhecimentos da igreja. É preciso destacar que apesar de estarmos falando em universidade, não podemos tomar como marcador o atual modelo de universidade que temos nos dias de hoje. Ao tratar esta instituição como uma invenção, é preciso conferir-lhe sua historicidade datada e localizada em outro momento, com outras condições econômicas, políticas, sociais e culturais. Ao levar em conta sua historicidade, torna-se possível visibilizar as diferenças entre a universidade que tem sua invenção datada no período medieval e a universidade que caracteriza os dias de hoje.

A saber, o ingresso na universidade no período do medievo, não se dava através dos processos seletivos praticados atualmente, os concursos vestibulares; não havia pré requisito “e nem ao menos era exigida a conclusão de algum curso anterior” (ULLMANN, 1994, p.141). Assim, para que o jovem pudesse ingressar na *universitas* era preciso dois critérios de admissão “ser batizado e dar prova de conduta moral, que abrangia uma prova de legitimidade de nascimento, amiúde aceita simplesmente por afirmação do candidato” (ULLMANN, 2000, p.192). Aqueles

que não estavam dentro dessas normas, desses padrões de aceitabilidade do espaço da universidade, eram excluídos ou ainda impedidos de ingressar no que conhecemos hoje como Ensino Superior. Arrisco dizer que o nome “superior” já confere um caráter de status e reconhecimento a este espaço de produção de conhecimento. É ligado ao contexto da universidade medieval, que historiadores como Jacques Le Goff associam o conceito de intelectuais. O que se reflete nos dias de hoje, uma vez que estar na Universidade Pública, significa ocupar um lugar privilegiado na sociedade.

Em relação ao ensino superior no cenário brasileiro, é preciso destacar que as discussões sobre esse setor e os investimentos no mesmo têm aumentado gradativamente. O governo tem lançado mão de estratégias que visam alargar o acesso ao ensino superior, seja por cotas para negros ou estudantes oriundos de baixa renda familiar, seja por ferramentas de acesso como o ENEM, ou por programas como o ProUni, entre outros.

A primeira Universidade do Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920. Antes disso, o que se tinha, eram apenas faculdades isoladas. Segundo documento da UNESCO (2002)

As primeiras faculdades brasileiras – Medicina, Direito e Politécnica – eram independentes umas das outras, localizadas em cidades importantes e possuíam uma orientação profissional bastante elitista. Seguiam o modelo das Grandes Escolas francesas, instituições seculares mais voltadas ao ensino do que à pesquisa. Tanto sua organização didática como sua estrutura de poder baseavam-se em cátedras vitalícias: o catedrático, “lente proprietário”, era aquele que dominava um campo de saber, escolhia seus assistentes e permanecia no topo da hierarquia acadêmica durante toda a sua vida. (p. 25-26)

Antes de 1920, existiam apenas faculdades independentes umas das outras, as quais já apresentavam caráter elitista. Uma vez que para ingressar nessas faculdades, era preciso ser aprovado nos exames de estudos preparatórios, os quais ocorriam em instituições privadas, o que privilegiava um segmento específico da sociedade brasileira. Assim,

o ensino secundário destinava-se ao preparo dos candidatos ao ensino superior, razão por que seu conteúdo se estruturou em função deste (...) os candidatos aos cursos superiores eram examinados nesses próprios cursos, segundo critérios fixados por estes mesmos (ROMANELLI, 2006, p. 39).

Esses exames preparatórios são o início do processo vestibular como conhecemos hoje.

Acredita-se que uma das razões para o surgimento da Universidade do Rio de Janeiro, é a visita do Rei da Bélgica ao Brasil nesse período, o qual receberia o prêmio de Doutor Honoris Causa, que carecia de uma instituição apropriada: a universidade.

Durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foi criado o Ministério da Educação e Saúde, e em seguida, em 1931, foi aprovado o Estatuto das Universidades Brasileiras, que definia critérios para a constituição e implementação da universidade, a qual poderia

[...] ser oficial, ou seja, pública (federal, estadual ou municipal) ou livre, isto é, particular; deveria, também, incluir três dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras. Essas faculdades seriam ligadas, por meio de uma reitoria, por vínculos administrativos, mantendo, no entanto, a sua autonomia jurídica. (UNESCO, 2002, p. 27)

Nesse contexto, diferentes grupos, com posições diferentes sobre as universidades brasileiras, disputaram a atenção do governo. Foram criadas mais três universidades, entre elas a Universidade do Distrito Federal. E em 1934, foi criada a Universidade de São Paulo – USP, que se diferenciava das demais, por sua autonomia em relação ao governo federal, uma vez que havia sido criada pelo próprio estado de São Paulo, estado mais rico na época. A criação da USP é vista como um divisor de águas na história das universidades brasileiras, uma vez que contou com apoio de professores das universidades européias e até hoje configura com um dos maiores centros de pesquisa de ensino superior. Após esse período, foram criados novos cursos dentro da Faculdade de Filosofia, entre eles os cursos de formação de professores, os quais contavam com escassos recursos financeiros, dificultando o incentivo à pesquisa, e conduzindo seus alunos ao magistério. Nesse

mesmo período, temos o início da UFRGS, criada em 1934 com o nome de Universidade de Porto Alegre. Antes desse período, o início do ensino superior no Rio Grande do Sul, fora marcado pela criação das Escolas da UFRGS de Química e Farmácia, as quais funcionavam de forma isolada, não constituindo uma rede unificada de cursos; em seguida viriam as Escolas de Engenharia, Medicina e Direito. A Universidade de Porto Alegre viria a ser nomeada de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anos mais tarde, quando em 1947 foi federalizada. Desde então, a UFRGS “passou a ocupar posição de destaque, no cenário nacional, como um dos maiores orçamentos do Estado do Rio Grande do Sul e como a primeira em publicações e a segunda em produção científica, entre as federais, considerando o número de professores”¹⁰

Durante a República Nova, houve um crescimento significativo dos estabelecimentos de ensino superior, os quais contavam com 22 universidades federais, que estavam localizadas cada uma em um estado brasileiro. Com o aumento do número das universidades públicas federais, tem-se o aumento do número de matrículas, o que provoca a criação, em 1938 de uma associação dos estudantes universitários, conhecida como UNE (União Nacional dos Estudantes). A UNE tem como objetivo discutir questões políticas e sociais de forma geral, tendo como um dos principais focos, aspectos ligados à educação em nível superior.

Devido à crescente procura pelas universidades, faz-se necessário a criação de uma lei, que fiscalize os cursos superiores, nesse sentido, é criada em 1961 a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), que prevê que a Educação Superior deve ser fiscalizada pelo Conselho Federal de Educação, o que por um lado culmina no fortalecimento da centralização do sistema de ensino superior, e por outro movimenta a comunidade acadêmica, posto que foram criadas ações que ultrapassam os espaços das universidades, como por exemplo Centros Populares de Cultura, Alfabetização para Jovens e Adultos, entre outras ações. Estas ações tensionam o modelo vigente da educação superior. Desde a Idade Média, o ensino superior era voltado para a elite da sociedade, e agora se vê na tentativa de percorrer um outro caminho, voltado às camadas mais populares e com

¹⁰ Dados retirados do site da UFRGS: http://www8.ufrgs.br/ufrgs/index_a_ufrgs.htm. Último acesso em: 15 de novembro de 2011.

menos privilégios em relação aos sistemas de ensino. Estas ações visam um “novo ensino superior, mais nacional e democrático”. (p.32). Neste mesmo período em que foi criada a LDB, tem-se a criação da Universidade de Brasília, a qual merece destaque, pois desde seu início, já se organiza num modelo integrado de faculdades, e não faculdades isoladas como as outras universidades brasileiras.

Após esse período de crescimento do ensino superior, tem-se uma estagnação nos governos militares, os quais agiam diretamente nas universidades, combatendo ações tidas como subversivas. Diversos professores foram afastados dos seus cargos, e centenas de estudantes ligados ao movimento estudantil foram perseguidos e torturados nesse período de “penumbra” do ensino superior. As decisões sobre o sistema de ensino era decidido sem a participação da comunidade acadêmica. Após esse período, já em 1968, foi criada a Lei da Reforma Universitária (Lei nº 5540/68) que previa a criação de departamentos nas universidades, sistemas de créditos, vestibular classificatório e unificado, entre outras ações. É nesse momento, que começam a se instituir os cursinhos preparatórios para o exame vestibular, os famosos “cursinhos pré-vestibulares”. Vale lembrar que antes dessas inovações, a forma de ingresso no ensino superior se dava através dos exames preparatórios realizados em escolas particulares, já mencionados anteriormente.

A procura pelo ensino superior se acentuava cada vez mais, o que pressionava o governo a aumentar o número de vagas. Esse fator contribuiu para o crescimento das instituições privadas de ensino superior. Essa expansão configura o ano de 1980 “com mais da metade dos alunos de terceiro grau matriculada em estabelecimentos isolados de ensino superior, sendo 86% em faculdades privadas” (p.34). Independente de estarem matriculados em faculdades privadas ou públicas, há um discurso vigente de que é preciso cursar o Ensino Superior. O que pode ser visualizado no gráfico a seguir, retirado do site do INEP

Gráfico 1

Inscritos no exame vestibular por dependência administrativa - 1990-2000

Ano	Dependência				Total
	Federal	Estadual	Municipal	Privada	
1990	442.943	373.471	65.147	1.023.937	1.905.498
1991	563.623	383.618	68.006	970.578	1.985.825
1992	569.367	398.955	76.539	791.998	1.836.859
1993	614.435	441.968	78.496	894.624	2.029.523
1994	682.977	523.750	85.642	944.654	2.237.023
1995	737.585	565.847	95.660	1.254.761	2.653.853
1996	740.520	549.318	94.805	1.163.434	2.548.077
1997	752.431	577.669	95.682	1.285.994	2.711.776
1998	857.281	629.801	104.201	1.266.733	2.858.016
1999	956.259	772.716	77.233	1.538.065	3.344.273
2000	1.129.749	951.594	59.044	1.685.906	3.826.293

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

De 1990 a 2000 é possível observar que o exame vestibular tem o seu número praticamente dobrado num geral das instituições de ensino superior. Já nas instituições federais esse percentual aumenta, sendo que o número de inscritos triplica no decorrer de dez anos. Fazendo um recorte para a região sul, região que se aproxima do lócus de pesquisa desse estudo, é possível visualizar no gráfico abaixo, que o número de alunos inscritos no vestibular também aumenta significativamente,

Gráfico 2
Inscritos em vestibular por regiões

Ano	Região					Total
	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	
1990	71.592	304.151	302.305	1.084.593	142.857	1.905.498
1991	86.243	328.403	332.349	1.094.952	143.878	1.985.825
1992	85.688	279.331	274.987	1.069.983	126.870	1.836.859
1993	94.496	320.137	315.232	1.157.756	141.902	2.029.523
1994	113.367	358.569	334.039	1.270.142	160.906	2.237.023
1995	111.592	457.077	433.955	1.466.585	184.644	2.653.853
1996	118.115	429.567	420.844	1.399.304	180.247	2.548.077
1997	126.030	421.109	477.925	1.456.799	229.913	2.711.776
1998	136.047	474.844	527.746	1.482.139	237.240	2.858.016
1999	161.352	615.712	601.744	1.689.318	276.147	3.344.273
2000	206.232	701.598	633.154	1.950.585	334.724	3.826.293

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

O aumento de inscritos no concurso vestibular não é diretamente proporcional ao aumento das vagas, o que pode ser visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 3

Taxa de crescimento das vagas oferecidas em vestibular - 1990 e 2000

Dependência Administrativa	Taxa De Crescimento (%)
Federal	62,6
Estadual	70,7
Municipal	-2,1
Privada	147,9

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

O número de vagas cresce em aproximadamente 63% durante os dez anos analisados nesses gráficos, o que indica que ainda muitos vestibulandos não terão suas vagas garantidas nas universidades, sejam elas públicas ou privadas.

Atualmente, o último censo realizado em 2010, pelo INEP, registrou o número de matriculados no ensino superior em 6.379.299 alunos. Independente desse número ter relação com universidades públicas ou privadas, está em jogo analisar que ser estudante universitário no Brasil, atualmente, está na ordem do dia. São diferentes programas e ações do governo que visam facilitar, aprimorar, o acesso ao Ensino Superior. Assim, vejo a posição de estudante universitário como uma das condições de ser jovem na contemporaneidade. Ser estudante universitário se coloca como um imperativo e uma necessidade aos jovens na contemporaneidade. Posto que, por um lado, ser aluno da universidade federal garante *status* e reconhecimento a esses sujeitos e por outro é uma das promessas de garantia de futuro e emprego no mercado de trabalho. E nessa direção, os cursinhos pré-vestibulares tornam-se o espaço no qual, esses sujeitos, os quais aspiram uma vaga nas universidades, buscam como potencializadores da realização desse sonho.

2.3 Dos cursinhos...

Uma das causas do surgimento dos cursinhos pré vestibulares, está ligado ao crescimento da busca pelo ensino superior e a forma de acesso a este espaço: o vestibular ou outro processo seletivo. A partir da Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540/68), as universidades passaram por uma departamentalização (criação de departamentos específicos para cada assunto), o vestibular assumiu o caráter classificatório e unificado, posto que o número de vagas se torna mais restrito. Essas ações tornaram esse processo seletivo mais concorrido, exigindo que os alunos interessados em ingressar na universidade, destinassem mais tempo aos estudos e se preparassem para as provas do vestibular. Esse contexto apresenta as condições de possibilidade para o surgimento dos cursinhos pré vestibulares. Anteriormente, os alunos eram preparados nas escolas particulares de 2º grau, mas devido às reformas educacionais da ditadura militar, este segmento da educação sofreu impactos significativos, uma vez que

Destruiu o seu caráter propedêutico ao ensino superior, elitizando ainda mais o acesso às universidades públicas (...) O resultado foi o fortalecimento da rede privada, na medida em que ela assumiu efetivamente a função de instancia preparatória para os vestibulares, criando para tanto um novo tipo de escola – exclusivamente propedêutica – os chamados “cursinhos” (GERMANO, 2000, p. 190).

Pensando ser possível apontar duas dimensões que deveriam ser garantidas, e cumprida essa garantia, legalmente para todos os indivíduos, destaco a Escola Básica e o Ensino Superior. Ambos com finalidades distintas, previstas pela Constituição Federal, agem no cenário brasileiro como forma de garantia de um futuro melhor. É vendida a ideia, de que a Educação garantirá um futuro mais digno, com oportunidades para todos, e etc. À Educação Básica, está atrelado o discurso, de que a Escola estará preparando para a vida e ainda, de que é preciso estudar, para ser aprovado no vestibular e conseqüentemente ingressar na Universidade. Já à Universidade o discurso se restringe ao mercado de trabalho, posto que, uma das verdades circulantes sobre a Universidade Pública, é que esta instituição “abre portas” no mercado de trabalho. Em entrevista realizada com alunos de cursinhos pré-vestibular, esta verdade está bastante presente. Diante da pergunta *por que quer entrar na UFRGS?*, os jovens estudantes responderam que um dos principais motivos era o reconhecimento desta universidade no mercado de trabalho,

Bom, eu quero entrar na UFRGS porque ela é uma ótima universidade, está muito bem colocada em pesquisas e também todos que conheço, que estudam ou trabalham lá, dizem que é muito boa. A UFRGS é gratuita, o que é muito bom, e tem muito prestígio, esse prestígio já ajuda muito pra quem completa faculdade lá, pois já sai praticamente empregado. (Vestibulando – 17 anos)

Eu quero entrar na UFRGS, porque ela é uma universidade bem reconhecida em todo o Brasil e apresenta um ótimo corpo docente. Além disso, acredito que a formação em uma universidade federal gera maior credibilidade para o graduado frente a oportunidades de emprego, ou seja, ter no currículo diploma ou estar estudando na UFRGS, por exemplo, facilita na hora de procurar estágios ou empregos. Apesar de não apresentar a melhor infraestrutura do RS, ainda vejo a UFRGS como a melhor faculdade do estado, capaz de dar as melhores bases de ensino na maioria dos cursos. A minha escolha é o direito, e tenho plena confiança de que a UFRGS é a melhor escolha em Porto Alegre. (Vestibulanda – 18 anos)

Os jovens destacam as Universidades Federais, e no caso desta pesquisa a UFRGS, como as melhores redes de ensino do Brasil, seja pelo corpo docente, pela qualidade do ensino ou pela sua trajetória no campo das pesquisas acadêmicas. E mesmo reconhecendo os problemas de infraestrutura que uma instituição pública pode vir a oferecer, a UFRGS segue sendo a primeira opção de universidade para muitos dos jovens que pretendem cursar o Ensino Superior.

Um dos espaços privilegiados e de preparação para o vestibular são os cursinhos. Os quais estão localizados entre dois setores de fundamental importância na educação: a escola e a universidade. Quando eu estava cursando a Educação Básica e era interpelada por amigos, parentes, etc, sobre o que eu estava fazendo, eu respondia *estou estudando*. Quando ingressei na Universidade, e diante da mesma interpelação, respondia de forma igual *estou estudando*. Mas quando eu estava fazendo cursinho pré vestibular, eu não respondia que estava somente estudando, mas atrelava a essa resposta um complemento que indica a finalidade do cursinho: *estou estudando para passar no vestibular*. O que quero dizer com isso, é que tanto a Escola quanto a Universidade se justificam por elas mesmas, mesmo que a finalidade de ambas não seja somente os estudos pelos estudos. Já os cursinhos pré vestibulares, não se justificam por eles mesmos. É preciso acrescentar a finalidade deste estudo, pois o estudo pelo estudo nos cursinhos não indica uma lógica aceitável na sociedade. Cada uma dessas instituições desempenha papéis e finalidades distintas, não está em jogo compará-las ou julgar se realmente cumprem

seus objetivos, mas sim problematizar que tipo de discurso circula sobre estes espaços, produzindo diferentes formas de ser sujeito em cada um deles. Desta forma, sinto-me instigada para tentar compreender então, afinal de contas quem é esse sujeito pós-escolar e pré-universitário. Elejo esta categoria para poder pensar que espaço é este ocupado por este sujeito. Um espaço de passagem; efêmero; rápido; flexível. Canevacci (2008) nomeia estes espaços de interstícios, os quais segundo o autor “são zonas que estão entre (in-between) áreas mais ou menos conhecidas, onde se inserem como parasitas freqüentemente temporários. Eles se localizam nos limites incertos” (p. 33-34). É possível então pensar que os cursinhos são espaços que estão entre a Escola e a Universidade, espaços esses conhecidos e reconhecidos pela sociedade contemporânea. Isso não significa dizer que os cursinhos não são reconhecidos, pelo contrário, são zonas já institucionalizadas, porém, não apresentam as mesmas funções sociais que a Escola e a Universidade proferem.

Os cursinhos pré-vestibulares caracterizam-se por um modelo de organização de ensino, distinto daquele oferecido na escola ou mesmo na universidade. Ele se localiza entre esses outros dois modelos. Muitas são as hipóteses para surgimento desta modalidade de ensino: número elevado de alunos para ingressar no Ensino Superior; incapacidade do Ensino Básico em preparar os alunos para as provas do vestibular, as quais podem não estar de acordo com o que é oferecido na escola, etc. Os elementos são muitos e podem existir ainda muito mais, mas o que quero referenciar é que independente do motivo pelo qual se expandiu o número de cursinhos pré-vestibulares é importante destacar que são muitos os cursinhos que existem e que deles fazem parte milhares de jovens com desejos e anseios de entrar numa universidade, priorizando a universidade pública.

São poucos os estudos já desenvolvidos abordando a temática dos cursinhos pré vestibulares que se aproximam deste. Ao realizar uma busca no Portal de Teses da Capes foram encontrados muitos trabalhos sobre os cursinhos populares, seus professores e o acesso dos alunos advindos desses cursinhos à universidade, etc.

Durante a busca, apenas um estudo se aproximava, ainda que, de forma discreta, dessa dissertação. O estudo de Mestrado de Rêgo (2008), intitulado “*Os professores de história dos cursinhos pré-vestibulares de Fortaleza: Cartografia da*

Trama das Relações de Saber e Poder” realizado no Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará apresenta uma cartografia das relações de saber e poder dos professores de História que atuaram nos cursos pré-vestibulares de Fortaleza (CE) nos anos de 1970 a 1990. Tal estudo tem como objetivo geral “mapear os percursos de formação, práticas e saberes dos professores de História dos cursinhos de Fortaleza, Ceará, nos anos de 1970 a 1990” (p.24). A autora historiciza o processo de criação dos cursinhos pré vestibulares, apontando que a cidade de Fortaleza, nas décadas de 70 e 80 viveu a “época de ouro” dos cursinhos, sendo que dez anos após esse período, os cursinhos sofreram um esvaziamento, devido à proliferação das faculdades particulares na década de 90. Tais instituições de ensino apresentavam e ainda apresentam, grande oferta de vagas, o que facilita o acesso à universidade, sendo dispensável uma preparação mais específica como a oferecida nos cursinhos. A autora traz a trajetória de professores de história de cursinhos pré-vestibulares, cartografando a relação existente entre o processo de formação, sua prática e seus saberes. Considera a indissociabilidade dessas ações, sendo que estas irão constituir os professores e suas experiências profissionais analisados no estudo.

Na cidade de Porto Alegre, há em média 20 cursinhos pré-vestibulares ¹¹ particulares e 15 cursinhos pré-vestibulares populares¹². Dentre os particulares, escolhi os dois cursinhos de com maior divulgação publicitária: Unificado e Universitário. Ambos com uma média de 3000 alunos matriculados na modalidade do pré-vestibular são constituídos por mais ou menos três sedes localizadas em diferentes bairros da cidade. Ou seja, apenas nesses dois cursinhos há um número de aproximadamente 6000 alunos. No horário de término das aulas no turno da manhã, me dirigi até estes dois cursinhos e conversei com alguns jovens que por ali estavam.

¹¹ Ativação, Elite, Decisão, Absolutto, Afrânio, Anglo, Fleming, Monteiro Lobato, Fênix, Objetivo, Arquimédes, Bixo, Certo, Mauá, Professor Régis, Unificado, Universitário, Azambuja, Móttola, Por Disciplina. Fonte: www.google.com.br

¹² Esperança Popular, Alternativa Cidadã, Cursinho Pré vestibular Municipal da Prefeitura de Porto Alegre, Xama, Comunidade, Zumbi dos Palmares, CEUE, Resgate, Associação Satélite Prontidão, Resistência Popular, Organização Não-Governamental para Educação Popular (ONGEP), Bicho da Folha, Alternativo. Fonte: www.google.com.br

Diário de campo, dezembro de 2010: *havia 3 ou 4 grupos ali, todos conversando e dando muitas risadas. Alguns fumavam cigarro, outros tomavam coca-cola, outros ainda com bermudas compridas e correntes de metal. As gurias com saias da moda: cintura alta e rasteirinha nos pés. Tudo muito colorido e com um bom astral incrível.*

Diante deste cenário, fui-me aproximando e perguntei: *vocês sabem que ônibus passa nesta parada?* Um dos meninos me respondeu e em seguida achei que era propício iniciar minha conversa interessada neles. Perguntei se todos faziam cursinho pré-vestibular, e eles responderam que sim, então perguntei para qual curso iriam concorrer no Vestibular. Medicina, Educação Física, Enfermagem, Biomedicina, Letras e Psicologia, foram as respostas que obtive. Todos estavam fazendo cursinho pela primeira vez, então articulei a seguinte pergunta: *como vocês se sentem sendo alunos do pré-vestibular?*

Ah, ser aluno de cursinho é bom. Não tem a cobrança que tinha na escola e os professores são engraçados, fazem piadas com a matéria, assim fica mais fácil de aprender. Mas o melhor é que posso faltar aula e não vou rodar por isso. Mas sei que não devo faltar aula, porque quero passar na UFRGS. – Vestibulando, 18 anos.

Eu gostava do colégio. Tinha amigos de anos lá. Mas no cursinho também fiz amigos. A gente é mais livre aqui, ainda mais porque não tem prova. As aulas são legais, os professores são engraçados. Eles nos alertam para a dificuldade que é entrar na UFRGS e como muitos deles já estudaram na UFRGS, eles sabem bem como é. Vestibulanda, 18 anos.

Ambos os estudantes fazem alusão a diferenças encontradas entre o colégio e o cursinho pré-vestibular, principalmente no que diz respeito às aulas. Uma das estratégias dos cursinhos pré-vestibular é o teor engraçado e divertido que as aulas têm. Os professores costumam utilizar metáforas e fazer analogias divertidas, as quais, segundo os alunos facilitam o entendimento da matéria. Outro fator importante, é não ter que o mínimo de frequência exigido como o é no colégio e em outras instituições de ensino, é preciso ter 75% de presença para ser aprovado entre outros elementos de avaliação.

São jovens que se narram mais livres, uma vez que podem faltar aulas, não precisam cumprir um mínimo de frequência. Ambos estão se preparando para ingressar no Ensino Superior, e tem como preferência a UFRGS. Ambos fazem

menção de que estão estudando para entrar na UFRGS, seu desejo é ser aluno da UFRGS. Eles não estão nem aqui, nem lá, ou seja, não estão no colégio e nem ao menos alcançaram seu objetivo, estar na universidade. Eles estão no meio do caminho e ali são constituídos por inúmeros discursos e saberes.

2.4 Sobre cultura, mídia, juventudes e educação...

Conforme destacado por Stuart Hall (1997), vivemos em um tempo caracterizado por uma verdadeira revolução cultural, ou seja, mudanças nas formas de comunicação e informação, as quais se constituem tendo a centralidade da cultura. Segundo o autor, esta centralidade tem caracterizado cada vez mais as relações entre os sujeitos e as formas pelas quais estes se constituem. Os sujeitos são seres de interpretações, significados, que atribuem sentido às suas ações. Nessa direção, o autor argumenta que as nossas culturas são o conjunto destas ações, ou seja

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. (p.1)

Entretanto a cultura, nem sempre foi entendida dessa forma. Por muito tempo, a cultura a compreensão de cultura, dizia respeito a tudo aquilo que de melhor era produzido pela ação do homem, sendo considerada única e universal (Veiga-Neto, 2003). Atrelado a esse entendimento, a educação assumiu o papel de formar sujeitos para usufruir desta Cultura, sendo considerados sujeitos mais cultos. Assim a Cultura, escrita com letra maiúscula, seria as criações e produções mais elevadas da sociedade, sendo superiores a qualquer outro tipo de manifestação. Nesse contexto é possível entender os termos de baixa e alta cultura. Assim, por todo período da modernidade, o que era aceito, era uma única Cultura, sendo a alta cultura, a qual assumiu um caráter elitista, servindo como modelo para as demais manifestações sociais e culturais.

É apenas por volta do século XX, que o termo Cultura passou a assumir outro caráter, devido à grave crise da modernidade. Para entender essa outra posição em que foi colocada a cultura, é preciso que se destaque a virada lingüística, em que a

linguagem passa a ser entendida como aquilo que institui a realidade, e não mais como possuidora de uma essência, como capaz de representar a realidade. Tal virada alarga não só o entendimento dela, mas o entendimento da cultura, posto que

Ao deslocar o entendimento da linguagem pela raiz, de uma só vez a virada lingüística resolveu o problema da incompletude das linguagens, dissolveu a questão da impossibilidade da tradução suficiente e nos colocou novos desafios. Isso equivale a dizer que a virada lingüística nos mostra que o babelismo – lingüístico ou cultural, o que é quase a mesma coisa – não é propriamente um *problema*, mas é, sim, o nome que atribuímos ao estado em que a linguagem se dá para nós. E ela se dá assim porque não temos um lugar de fora dela para dela falar; estamos sempre e irremediavelmente mergulhados na linguagem e numa cultura, de modo que aquilo que dizemos sobre elas não está jamais isento delas mesmas (Veiga-Neto, 2003, p.14)

Nessa direção, Hall (1997) argumenta que a cultura não deve ser vista como superior, ocupando um lugar privilegiado, a partir deste caráter central que assumiu. Ela se torna central, uma vez que perpassa tudo o que acontece em nossas vidas e todas as representações que fazemos das coisas que acontecem. Assim, a cultura, está intrínseca nas relações sociais. Constituímos-nos num cenário produzido por diversas culturas, as quais instituem diferentes aprendizagens, e como estamos mergulhados nesse contexto, somos seres dessas diferentes aprendizagens, nos educamos de diferentes formas, e não mais através uma Cultura.

É a partir dessa revolução cultural, que os meios de comunicação assumem um caráter fundamental nas relações sociais. Nessa direção, a mídia assume um papel importante, sendo

[...] um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias (HALL, 1997, p.16)

Em consonância a isso, ou seja, entendendo a mídia como um meio onde circulam idéias, significados e valores, Fischer (1996), alerta para o seu papel pedagógico, uma vez que

[...] mais do que 'colocar no ar' uma série de enunciados de várias formações discursivas diferentes – formações que disputam, na sociedade, uma espécie de 'hegemonia das significações' – a mídia, suponho, constrói, reforça e multiplica enunciados seus, em sintonia ou não com outras instâncias de poder. (FISCHER, 1996, p.123)

Assim, a autora argumenta em favor de um dispositivo pedagógico da mídia, ou seja, a mídia não só publiciza informações, mas também, educa e ensina formas de ser mulher, homem, jovem, velho, homossexual, criança, etc. Os produtos midiáticos são veiculados de diferentes formas, a saber, mídia impressa, tendo como seus principais meios de veículo os jornais, revistas, folders, entre outros; mídia eletrônica (televisão e rádio); mídia digital (internet) e mídia exterior, como os *outdoors*, *busdoors* (Schmidt, 2009, p.10). Nesse sentido, as campanhas publicitárias são um tipo de mídia, as quais podem ser veiculadas de diferentes maneiras: anúncio de TV, rádio, *outdoors*, *sites* da internet, comerciais, entre outros (Quadros, 2005). Dessa forma, neste estudo, serão analisadas campanhas publicitárias, bem como outros materiais midiáticos.

Cabe ressaltar, que não está em jogo aqui, pensar se a mídia ocupa um papel de vilã ou não, e que o seu público seria vítima das suas ações. Segundo Costa (2002),

Certamente, não há homogeneidade de efeitos naquilo que a mídia produz; não somos pobres vítimas de um inescapável determinismo. É preciso assinalar, contudo, que, apesar de cada espectador reagir de modo distinto, dependendo do lugar em que está posicionado e de como a mídia chega até ele, respostas são incitadas e condutas são modeladas e performadas. (p.72)

Nessa mesma direção, Garbin (2001), argumenta que

As estratégias midiáticas dirigidas à juventude prevêm um programa de sedução que leva ao consumo, a comportamentos padronizados; entretanto discordo da visão determinista de alguns autores que afirmam que tais “manobras de sedução” acabam por “manipular” os/as jovens. (p.69)

Os jovens não são manipulados pelos discursos, significados, representações, idéias e valores que circulam nos diferentes produtos midiáticos, mas sim, de alguma forma, são subjetivados por tais, uma vez que a mídia tem na juventude, um grande público de consumo.

Os materiais midiáticos analisados neste estudo estão diretamente ligados ao público jovem, uma vez que são endereçados a ele, seja através das imagens que carregam, da linguagem utilizada, favorecendo assim, a produção de um sentimento de pertença. Nessa relação entre mídia e juventude, é possível notar um crescimento das produções acadêmicas (Spósito, 2009). A maioria delas encontra-se nos estudos referentes à Educação. Ao analisar os estudos imersos nessa temática, a autora questiona sobre o papel da mídia nesses estudos

[...] qual o poder de influência da mídia TV e/ou da publicidade na vida do jovem? Para a maioria das investigações, ela é determinante e cumpre um papel alienante; para a minoria dos estudos, ela é forte, mas não tem o monopólio, pois, partindo de uma perspectiva relacional, eles consideram outras instâncias que compõem o imaginário simbólico do jovem.

Partindo desta inquietação, este estudo não tem como objetivo dizer qual é o papel da mídia, ou o que ela produz nos jovens. Longe de apontar tais questões, esta dissertação tem como foco analisar quais os discursos que estão sendo veiculados na mídia, mais especificamente, em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares. Dessa forma, destaco os estudos de Fischer (1996) que tecem uma relação entre a produção da juventude atrelada a diferentes mídias, entre elas televisão, cinema, revistas, etc. Nessa mesma direção, os estudos de Schmidt (2006, 2009) contribuem para pensar essa relação.

Em seu estudo, Schmidt (2006), tem como foco analisar de que forma a expressão *ter atitude* está sendo operada no universo jovem, o qual vem se modificando na medida em que em que seus valores e modos de ser configuram uma nova cultura juvenil. Em seu título a autora já anuncia ***Ter atitude: escolhas da juventude líquida***, que sua pesquisa tem como foco central estudar a relação entre mídia, educação e cultura jovem global. Nesse sentido a autora destaca que a mídia desempenha um papel privilegiado, uma vez que: “[...] ocupa um importante espaço pedagógico ensinando diferentes formas de viver, de relacionar-se com o outro e consigo mesmo” (SCHMIDT, 2006, p.19).

Cabe destacar que a mídia não ocupa apenas um papel de *marketing*, mas mais do que isso, ela é um dispositivo que educa, que ensina o que é certo e o que

é errado, o que é verdadeiro e o que é falso, o que é bonito e o que é feio, o que devemos fazer e o que não devemos fazer, o que devemos querer e o que não devemos querer, o que devemos comprar e o que não devemos comprar. Ela conduz condutas de forma a produzir modos de pensar, de ser, de estar e de viver na contemporaneidade.

3 CONCEITOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS - *Dos jeitos e maneiras ou dos fazeres da pesquisa em educação...*

Pesquisar é uma aventura; seja um bom detetive e esteja atento a suas intuições! Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas merecem ser objeto de atenção, e não deveriam ser descartadas sem antes perscrutar cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que se deseja investigar. Ao que tudo indica, parece que não existe 'modelo' de pesquisa minimamente confiável que justifique o descarte do inesperado sem dar-lhes uma chance de falar. Bons estudos frequentemente estão associados a inesperadas 'sacações'! (COSTA, 2007, p.147, grifo do autor)

Início este capítulo com o excerto acima de Costa (2007), que elabora 12 pontos que caso julgue pertinente, todo jovem pesquisador em educação, deve anotar na sua agenda. Dentre os 12, destaco o primeiro, em que a autora compara a pesquisa à tarefa de um detetive.

Está certo que ao iniciar uma pesquisa, todo pesquisador, ou detetive, alguma intenção tem. Pode não saber exatamente que pergunta irá movimentar tal investigação, mas alguma intenção ele tem. Ela existe e não é de forma alguma algo de outro mundo, inimaginável. Tudo é deste mundo, pois este é o mundo em que nos movimentamos e produzimos. Durante a pesquisa, muitas vezes nos deparamos com aquilo que não imaginávamos, ou com aquilo que tínhamos certeza que não íamos nos deparar. Foi o que ocorreu comigo. Explico.

Inicialmente, meu problema de pesquisa girava em torno das práticas das alunas do curso de Pedagogia da UFRGS. Para tanto, realizei entrevistas com algumas alunas. A primeira entrevista tem como questão inicial, como mola propulsora, a seguinte afirmação: *me fale sobre o que é ser aluna da Pedagogia da UFRGS*. Diante disso, as respostas são as seguintes:

Ser aluna da Pedagogia é um sonho. Desde o cursinho eu sempre quis estudar na UFRGS, não sabia bem ao certo o que eu iria fazer, mas meu sonho sempre foi estudar na UFRGS. Sempre gostei de criança, então pensei que eu poderia ser uma boa professora. Daí decidi tentar vestibular para Pedagogia. Passei e

hoje estou aqui, quase na metade do curso. Amo o que eu faço! - Aluna do 5º semestre.

Fazer Pedagogia é ter a chance de poder mudar alguma coisa. Quando eu estudava no colégio, sempre acompanhava notícias sobre a educação pública que era muito precária.. Quando comecei o cursinho, os professores diziam que a educação do país era sim, um problema, por isso, estudar na UFRGS é ter a chance de ter um ensino bom, de qualidade e ainda gratuito. Então, estudar na UFRGS era a chance que eu tinha, pois fui aluna de colégio público. Devido a esse desejo de querer mudar alguma coisa, de poder fazer minha parte, decidi fazer Pedagogia. Por ser um curso mais fácil, consegui entrar direto na UFRGS e hoje estou me formando com o diploma de uma das melhores universidades do país. - Aluna do 8º semestre.

A partir da minha pergunta, eu tinha como objetivo ouvir das alunas como era ser aluna da Pedagogia, o que faziam na Universidade, nas aulas, como estudavam, como elas eram enquanto alunas. O que ouvi não foi isso, conforme se pode observar nos excertos anteriores. O que pulsava para mim nessas falas, era muito mais que o fato do desejo dessas alunas da Pedagogia, dos sonhos que tinham em ser alunas da Pedagogia, mas antes disso, a maneira como se produziu o desejo em ser aluna da UFRGS, como a UFRGS estava na se constituíam como um objetivo a ser alcançado. Na primeira fala, ela diz que não tinha definido o curso ainda, mas sabia que queria ser aluna da UFRGS. Por gostar de crianças, optou por fazer Pedagogia, e felizmente, hoje ama o que faz. A segunda aluna já havia decidido por Pedagogia, mas traz na sua fala, que o ingresso na UFRGS, garante ensino de qualidade, bom e gratuito, segundo seus professores de cursinho. Ouvindo e analisando essas falas pensei em mudar minha pergunta inicial, mas optei por olhar outras pistas nessa investigação. Aquelas que inicialmente não estavam na minha agenda de pesquisadora. Mas que, a partir do meu olhar, as produzi como pistas fundamentais e que para mim, merecem total atenção.

Dessa forma, entre caminhos e descaminhos, optei por olhar para discursos que produziam a UFRGS como pauta do dia, como um imperativo. E ainda, elegi as os materiais midiáticos dos cursinhos pré-vestibulares como campo de visibilidade para isso. Nesse sentido, construí o problema de pesquisa que movimenta esta

dissertação: Como discursos veiculados em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares produzem o imperativo de aprovação na UFRGS?

Após definido o problema de pesquisa, dei início a construção do corpus de análise desse estudo, bem como as literaturas e os autores nos quais iria fundamentar essa dissertação. Os modos, as maneiras, os fazeres da pesquisa em educação, são foco de muitas outras pesquisas e estudos no campo da educação. Costa (2002, 2005, 2007), Veiga-Neto (2002), Silveira (2002, 2007) entre outros autores problematizaram alguns dos passos mais desafiadores para pesquisadores e pesquisadoras neste campo: os caminhos a serem trilhados na pesquisa. Assim a partir da escrita dessa dissertação, me arrisco dizendo que realmente, os caminhos a serem trilhados são confusos, deslizantes, carregados de dúvidas e anseios. Ora se tornam claros e passíveis de serem trilhados, ora se tornam obscuros, escondendo suas armadilhas e perigos. O interessante é que o caminho não está pronto, ele vai sendo criado, produzido a cada passo dado, a cada escolha feita. Muitas vezes parece que estamos caminhando sem sair do lugar, aí um sentimento de angústia toma conta e produz uma espécie de *blackout*, que parece nunca mais ter fim. Mas ele tem fim e o que comprova isso é a finalização dessa dissertação de mestrado.

Nesse contexto de angústias, definições, indecisões, certezas e incertezas é que essa dissertação foi construída e se localiza no campo dos Estudos Culturais, o qual, segundo Hall (1996), apresenta suas movimentações “acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante” (p.263). Assim o campo dos Estudos Culturais não busca respostas prontas e exatas para as perguntas que se fazem sobre o mundo, como as coisas são, como acontecem, ou seja,

[...] não pretendem ser uma disciplina acadêmica no sentido tradicional, com contornos nitidamente delineados, um campo de produção de discursos com fronteiras balizadas. Ao contrário, o que os tem caracterizado é serem um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, é buscarem inspiração em diferentes teorias, é romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p.40)

Dentro dessa abordagem, escolhi olhar para os discursos que produzem o imperativo de aprovação na UFRGS, veiculados em materiais midiáticos de dois cursinhos pré-vestibulares de Porto Alegre/RS: Unificado e Universitário. Como já foi dito anteriormente, a escolha por esses dois cursinhos se deu devido à proliferação de materiais publicitários que faziam alusão ao vestibular da UFRGS e ainda por serem as duas maiores¹³ redes de cursinhos pré-vestibulares de Porto Alegre. Olhar para estes dois cursinhos, com o objetivo de compreender como os discursos veiculados em tais materiais produzem o imperativo de aprovação na UFRGS. Para tanto foi delimitado um período de tempo que tem seu início no mês de janeiro de 2011 até janeiro de 2012. No período de um ano, busquei materiais que remetessem de alguma forma ao vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Três foram os movimentos feitos para compor o material empírico deste estudo:

1) Mídia impressa: Dirigi-me às sedes dos cursinhos para arrecadar o maior número de materiais possíveis. Dentre esses os materiais, buscava aqueles que se apresentavam de forma impressa: folders, cartazes, manuais, propagandas, etc. Desloquei-me à sede do primeiro cursinho localizada no centro da cidade; o acesso é livre, pois se localiza em um prédio com outros estabelecimentos comerciais. Ao me dirigir à secretaria e solicitar o material de divulgação do cursinho, me encaminharam à sala de matrículas, pois lá seria o local adequado para conseguir essas informações. Os materiais não estavam expostos na mesa para livre manipulação, portanto solicitei a uma das funcionárias, alegando que eu tinha interesse em me matricular no pré vestibular. Fui bem atendida, posto que, ela me fornecer todos os materiais do cursinho, desde folders com palestras, até folder indicando os documentos necessários para realizar a matrícula. Ao me dirigir à sede do segundo cursinhos, também tive livre circulação pelas dependências do mesmo, entretanto todos os materiais estavam expostos em mesas e murais. Recolhi a maior variedade possível de materiais e ao perguntar para a funcionária se havia mais materiais, ela me disse que eram somente aqueles.

2) Mídia exterior: este movimento compreende a busca de propagandas que circulam pela cidade através dos meios de transporte. Ou seja, são as propagandas

¹³ Esta constatação pode ser feita a partir do contato, via telefone, com 17 cursinhos de Porto Alegre, a fim de identificar o número de alunos e sedes dos cursinhos.

estampadas em ônibus e lotações que carregam imagens de alunos aprovados na UFRGS. Todas as imagens são de sujeitos jovens, os quais, com um grande sorriso, têm a frase célebre “Passei na UFRGS” ao lado da sua foto. Essas propagandas encontram-se na parte traseira dos ônibus e lotações.

3) Mídia digital: realizei uma busca nos sites dos cursinhos, das propagandas e chamadas sobre a UFRGS. Reconheço nessa dissertação o quão produtiva se torna a pesquisa acadêmica, quando escolhe olhar para as ferramentas da internet como parte do seu material empírico. Segundo Saraiva (2006), a internet

[...] vem promovendo mudanças nas mais diversas áreas da vida humana, tendo em vista a ampla gama de usos que já foram estabelecidos e que não param de crescer. A cada dia inventa-se uma nova utilidade. A informática e a internet são cada vez mais elementos constitutivos da sociedade atual. Cresce o número de usuários, diversificam-se as aplicações e expande-se o tempo que cada um dispense no uso do computador. (p.21)

Atrelado a isso, a internet apresenta-se como um facilitador, quando estamos correndo contra o tempo. Nessa direção Provin (2011), destaca que devido ao curto tempo de uma pesquisa de mestrado, optou por analisar sites de doze universidades comunitárias gauchas. No seu estudo, a autora destaca que foi possível visibilizar nos sites, estratégias de marketing utilizadas pelas universidades, a fim de promover o imperativo da inclusão. Ou seja, umas das funções desses sites é publicizar a adesão das universidades a programas governamentais de inclusão no ensino superior e publicizar “atitudes de inclusão” produzidas pelas universidades. A fim de estarem dentro da lógica de um dos maiores imperativos contemporâneos: o da inclusão.

Também fui acometida pela questão do tempo, ou ainda, da falta de tempo. Ao construir o meu problema de pesquisa, já havia transcorrido quase que mais da metade do tempo desta pesquisa, ou seja, seria mais fácil me deter nos sites dos cursinhos, do que me deslocar várias vezes às sedes dos cursinhos. Assim grande parte do material de análise desta dissertação é retirado da internet. Mas é preciso fazer uma ressalva: os materiais coletados nos sites, não são permanentes, fixos e estáveis. Eles variam quase que diariamente, pois as mudanças na internet são

rápidas. Garbin (2003) alerta que a internet possui “constituições discursivas temporárias, sem suturas” (p.134). E que com um *click* podem mudar. Ao “entrar” nos sites dos cursinhos no mês de agosto de 2010, a página inicial apresentava um tipo de configuração diferente se entrarmos nos sites no final do mês de dezembro. Devido a isso, nem todas as imagens que irão aparecer nessa dissertação poderão ser encontradas nos sites dos cursinhos. Algumas já foram trocadas, outras estão em outros espaços do site, entretanto, sempre há menção ao vestibular da UFRGS.

Durante o período de busca nos sites, pude visualizar frases em locais de destaque (de fácil visualização) sobre a UFRGS e sobre o seu vestibular: “*Passei na UFRGS*”, “*Prepare-se para as provas da UFRGS*”, “*Feliz UFRGS 2011 para você*”, “*1.229 alunos aprovados na UFRGS*”, “*Passar na UFRGS não é para qualquer um. PARABÉNS!*”, “*Pré-prova da UFRGS*”, “*Revisão UFRGS*”, “*Siga-me @passenaufgrs*”. Todas essas chamadas, colocam a UFRGS como a pauta do dia do jovem vestibulando. A ordem do dia é ser aprovado no vestibular da UFRGS. Ou seja, mais do que ingressar no ensino superior, o vestibulando deve ingressar na UFRGS. Ser aluno da UFRGS é uma das maneiras do sujeito se reconhecer jovem na contemporaneidade.

A partir dessas escolhas, desses caminhos escolhidos, busquei naquilo que Foucault chama de caixa de ferramentas, os conceitos através dos quais me movimentaria nesta investigação. Assim, optei por olhar para a mídia, a partir do conceito de dispositivo pedagógico. Entendendo que esta tem a função de ensinar e produzir modos e condutas desejáveis nos sujeitos. Os materiais analisados lançam mão de estratégias para capturar sujeitos jovens, uma vez que tentam se aproximar daquilo que o jovem deseja ver, deseja ser. Tais materiais dos referidos cursinhos, apelam para o colorido das propagandas, para sujeitos jovens felizes, para momentos de festas atrelados aos estudos, etc. Todas essas estratégias possibilitam que os jovens se vejam naqueles materiais, se reconheçam naquelas imagens e interpelações.

Estarei olhando para elas através da análise cultural, a qual busca “examinar práticas culturais do ponto de vista de seu desenvolvimento com, e no interior de, relações de poder” (Nelson; Treichler; Grossberg; 1995, p.2), posto que são “formas interessadas em lidar com práticas e produtos da cultura” (Wortmann, 2007, p.75).

Ter na mídia o campo de visibilidade para essa investigação me levou a olhar para os discursos que circulavam nelas. Fazer uma análise do discurso não significa entender o discurso como uma ferramenta que, ao ser colocada em movimento, irá me fornecer o que está oculto em uma frase, ou na fala de alguém. Não estou interessada em descobrir a essência ou o que realmente o sujeito do discurso está querendo dizer. É preciso olhar para as coisas que estão ali, que estão sendo ditas e não tentar buscar significados escondidos nas tramas discursivas.

No seu curso de 1982, *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault se propõe a mostrar a partir do cuidado de si, de que forma foram tramadas as relações entre sujeito e verdade em diferentes períodos históricos. Nesse contexto é possível pensar o discurso como algo que constitui o sujeito, uma vez que produz modos de ser e de pensar a realidade. Diante de um discurso tido como verdadeiro, o sujeito passa a estar armado com certa verdade, para então poder julgar a maneira mais adequada com que irá utilizar tal discurso. A partir de um processo de subjetivação, ele torna esse discurso a sua verdade, o seu princípio de ação e passa a produzir uma realidade tendo como referência sua ética. Este sujeito, que faz do discurso verdadeiro o seu princípio de ação, é considerado o que o autor chama de sujeito ético. O modo de vida não mais ligado a questões da cidade (como no Alcibíades na polis grega), nem a saberes religiosos (como no cristianismo), nem a leis, nem a moral, mas sim a um estilo de vida que tem como princípio estabelecer uma existência ética. Ou seja, diante dos discursos verdadeiros, da coisa verdadeira: “[...] tornemo-nos o sujeito que pensa com a verdade e, deste sujeito que pensa com a verdade, tornemo-nos um sujeito que age como se deve” (FOUCAULT, 1982, p.429), para assim poder construir a sua verdade, o seu princípio de ação, dar a sua própria vida uma forma de existência.

O discurso, então está ligado à produção de práticas sociais, ao passo que se referem a um conjunto de enunciados pertencentes a diferentes campos de saber, que possuem um caráter normativo e regulador, ou seja, organizam o real por meio da produção de saberes que se pretendem verdadeiros, de estratégias que colocam em circulação tais saberes, produzindo práticas. O sujeito, por sua vez, não está fora desse emaranhado de elementos, ele encontra-se no interior dessa trama, sendo

subjetivado por diferentes discursos. Assim segundo Foucault, os discursos devem ser entendidos como

Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2009, p.55)

Esse 'mais' a que se refere o autor, não está oculto nas tramas linguísticas do discurso. Não deve ser descoberto por alguém. Ele está aí, para ser visto, analisado, problematizado, está sob os olhos de quem escolhe querer vê-lo. Nos materiais analisados, é possível ver discursos que produzem o sujeito como o responsável pelas suas escolhas, produzem o tipo de sujeito que deve fazer vestibular na UFRGS, produzem o comportamento que determinados sujeitos devem ter para serem alunos da UFRGS. São discursos que assumem o caráter de exclusão e interdição, uma vez que estão ligados “com o desejo e com o poder” (Foucault, 1996, p.10). Ou seja, os discursos são tramados nas relações de poder, assim, através do procedimento de rarefação, o qual se encarrega de

[...] determinar as condições do seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim não permitir que todo mundo tenha acesso a ele. [...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início qualificado para fazê-lo. (idem, p.36-37)

Em todo discurso há um jogo de regras que define quem entrará nessa lógica ou não. No caso dos materiais analisados, nem todos os sujeitos fazem parte dos discursos ali presentes. Ou seja, nem todos se identificam nelas. Apenas aqueles que neles são representados ou que se vêem nos seus discursos e significações.

A partir dos conceitos de dispositivo pedagógico e discurso estarei movimentando meu objeto de estudo

4. DAS RECORRÊNCIAS ÀS ANÁLISES...

Tendo em mãos os materiais recolhidos, torna-se necessário fazer a escolha daqueles materiais que serão utilizados para a construção dos eixos de análise. Muitas foram os materiais encontrados estampados nos jornais que circulam pela cidade, distribuídos em frente aos cursinhos, encontrados dentro dos cursinhos, estampados em *outdoors* e *busdoors*, nos sites dos cursinhos, etc. Entretanto, faz-se necessário selecionar alguns destes materiais. Nesse sentido, a seleção foi feita a partir de recorrências.

Ou seja, lançar um olhar para tais materiais, permitiu visibilizar algumas notícias, alguns chamados, algumas reportagens, algumas imagens, algumas frases, etc, que me convocaram a pensar, selecionar e construir dois conjuntos destes materiais. O primeiro conjunto diz respeito aqueles materiais que faziam circular o discurso de responsabilização do sujeito. Ou seja, que através de prescrições e imperativos, posicionam o sujeito jovem vestibulando como o responsável pelas suas escolhas, como aquele que deverá ser cuidadoso ao tomar uma decisão, pois essa pode trazer consequências de sucesso ou fracasso. Estes materiais foram analisados no primeiro eixo analítico, intitulado “Você é o resultado das suas escolhas”.

O outro conjunto dos materiais analisados teve como recorrência as representações de sujeitos jovens estampadas em seus anúncios. É possível analisar uma identidade de sujeito vestibulando, a saber, jovem, feliz e alegre. Tais representações produzem um jeito de ser aluno de cursinho pré-vestibular, fazendo com que os sujeitos se reconheçam em tais representações. Esse conjunto de imagens constitui o segundo eixo analítico desse estudo “‘Para passar na UFRGS é preciso muito mais’ – é preciso pertencer!!!!”.

4.1 “Você é o resultado das suas escolhas”



Figura 01: Você é o resultado das suas escolhas

A imagem que escolhi para iniciar esta sessão foi extraída do *site* do cursinho pré-vestibular Unificado. Esta é a frase chamada de sua campanha publicitária. Tal frase remete a ideia de que o sujeito deve fazer escolhas, as quais terão nele próprio os seus reflexos. Em se tratando dessa campanha, a escolha correta a ser feita, é estudar no Unificado. Entretanto, não será meu foco analisar se essa é a escolha correta ou não, se este é o melhor cursinho ou não. O meu foco está em problematizar os discursos que constituem este e outros materiais que serão analisados no decorrer dessa sessão.

Você é o responsável por aquilo que faz ou deixa de fazer; é você quem decide o que quer fazer; você deve escolher o que quer para si; você deve ser consciente de que cada escolha terá uma conseqüência; você é o responsável pela sua vida. Tais assertivas convidam o sujeito a ser mais responsável por suas escolhas, portanto elas devem ser conscientes, uma vez que o resultado de cada uma, irá se refletir diretamente em cada sujeito. Entretanto mais que simples frases para serem ditas e ouvidas, estas são permeadas pelo discurso de responsabilização do sujeito. Nessa lógica,

Os indivíduos são instigados a sentirem-se responsáveis não só pelo que fazem, mas também pelo que acontece com eles. A responsabilização plena se situa na raiz de uma exigência generalizada de implicação dos indivíduos na vida social, que os encoraja a interiorizar, sob a forma de falha moral, sua situação de exclusão ou fracasso (afinal, são as próprias capacidades e motivações individuais que são solicitadas pelas oportunidades e pelos desafios circundantes). (FREIRE FILHO, 2010, p.13)

É preciso que cada indivíduo esteja consciente de que cada escolha feita terá resultados, sejam eles de fracasso ou sucesso. Independente de qual for o

resultado, os indivíduos devem se responsabilizar por ele. O processo vestibular pode ser entendido como sendo o desafio a que o autor se refere no excerto destacado.

É você quem deve passar na UFRGS, é você quem deve se preparar para as provas da UFRGS. São diversas prescrições que se constituem como imperativos no dia-a-dia dos jovens que tem como objetivo ingressar nesta universidade. Na imagem ao lado,



Figura 02: Site do Universitário

@passenaufgrs, é uma referência ao Twitter¹⁴ do cursinho. O imperativo é passar na UFRGS, e para isso, é preciso seguir¹⁵ o cursinho através do seu Twitter.

Para enfrentar o desafio do vestibular, o sujeito jovem vestibulando deve se preparar e fazer as escolhas certas para que obtenha sucesso ao final dessa empreitada. Assim, o momento que antecede o vestibular é permeado de ações que visam preparar os indivíduos para enfrentarem de forma equilibrada os quatro dias de provas do vestibular da UFRGS.

¹⁴Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do *website* do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

¹⁵ A expressão 'seguir' é utilizada nas mídias digitais, mais especificamente no Twitter, com o sentido de estar acompanhando os passos do outro na.



Figura 03: Prepare-se para as provas da UFRGS

A imagem ao lado, merece destaque a frase *Prepare-se para as provas da UFRGS. Confira as nossas dicas.* Tais dicas incidem sobre o modo como os vestibulandos devem organizar sua rotina de estudos, sua vida social, a partir de algumas dicas fornecidas nos sites dos cursinhos, ou até mesmo em propagandas de rádio e televisão. Trago a seguir um excerto, de outro cursinho, com algumas dicas,

Para quem quer lugar em uma universidade pública, a distância não importa. Mas alguns cuidados são essenciais para ir bem nas provas. Sobretudo, para quem dedicou o ano aos estudos e não pretende ficar de fora da lista de aprovados. Confira dicas de especialistas: **Seja organizado. Respeite os horários. Alimente-se bem. Mantenha a autoestima. Peça ajuda. Durma bem. Exercite-se. Aposte no seu desempenho. Tenha persistência.** (grifos meus)

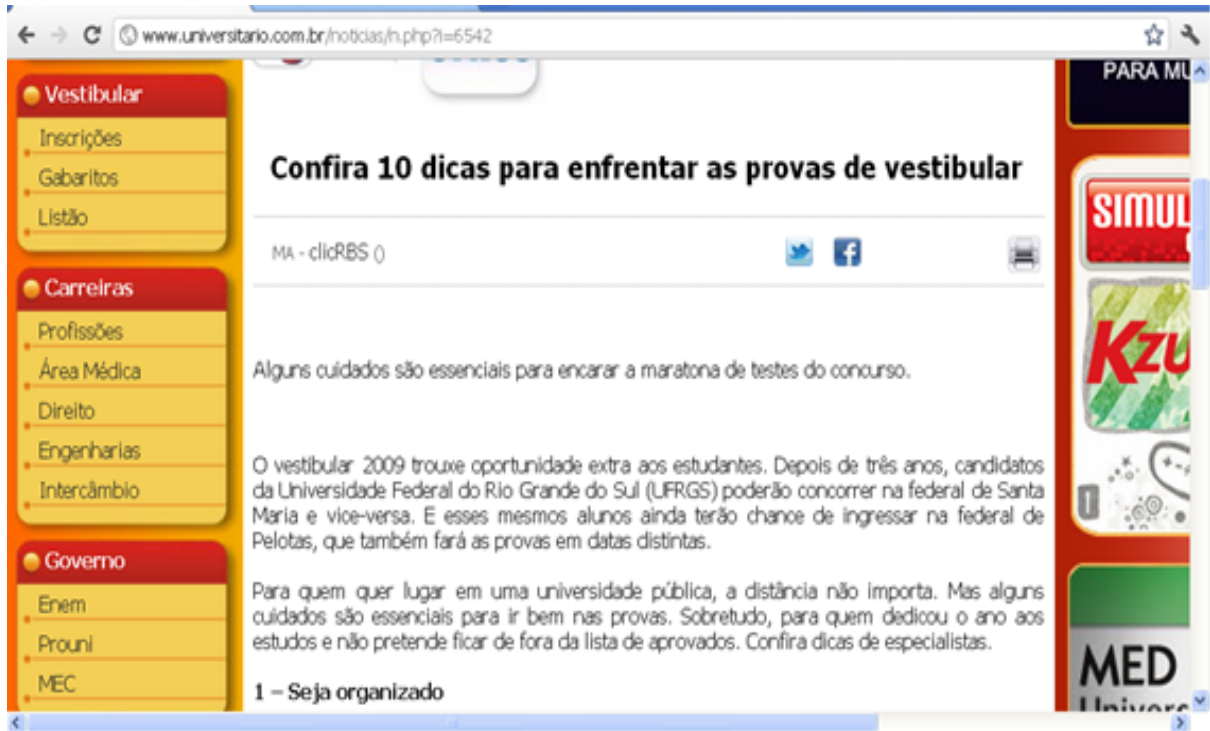


Figura 04: 10 dicas

Tais afirmativas aparecem na imagem destacada, extraída do site, no formato de tópicos com sucintas explicações. Estas compõem as 10 dicas, elaboradas por especialistas, como psicólogos, psiquiatras, nutricionistas e professores, para auxiliar aquele vestibulando que tem como objetivo a aprovação no vestibular da UFRGS. Cumprido este ‘manual’, o vestibulando apresentaria algumas condições, alguns pré-requisitos para atingir sua aprovação. Não está em questão saber se essas dicas são eficientes ou não, se segui-las passo a passo, irá garantir a aprovação em um dos vestibulares mais concorridos do Brasil, na terceira melhor universidade da América Latina¹⁶.

Tais dicas envolvem questões de alimentação, postura, atitudes a serem tomadas e comportamentos adotados. Os vestibulandos a partir de diversas práticas estariam ‘se preparando’ melhor, de forma mais adequada para enfrentar as provas do vestibular. A intenção de legitimar as prescrições evidencia-se com a ‘voz’ dos especialistas, as quais garantem a cientificidade das orientações. Assim, psicólogos,

¹⁶ Segundo ranking divulgado pela Web of World Universities, em 01/08/2011, divulgado em <http://www.webometrics.info/>

educadores, dermatologistas, nutricionistas, cirurgiões plásticos, odontologistas, *personal stylists* e consultores de imagem, utilizam-se de orientações que oscilam entre a “ternura altiva e a contundência altruísta”, para prescrever as práticas e cuidados necessários para a conquista da saúde, da deseabilidade, do equilíbrio interior e da harmonia doméstica (FREIRE FILHO, 2010, p.6).

Nessa direção, no contexto pós-moderno, artefatos culturais como a mídia, lançam mão de saberes científicos como estratégia de legitimação das condutas prescritas. A exemplo disso destaco o estudo realizado por Mello (2009), no qual a autora analisa campanhas publicitárias de alimentos saudáveis. No estudo, o discurso científico foi destacado em tais materiais, no sentido de legitimar o produto a ser consumido, conferindo-lhe um *status* de verdade, favorecendo o seu consumo.

Assim, constato que não é apenas a equipe do cursinho que pensa as prescrições publicadas no site que está fornecendo dicas para quem quer um lugar na universidade pública, mas sim um conjunto de saberes, proferidos por especialistas que num jogo de relações de poder, tem seu saber autorizado a falar. São saberes que operam sobre os sujeitos de diferentes formas, com o objetivo conduzir suas condutas.

Fischer (2001), ao analisar, aspectos relacionados à sexualidade, nos artefatos midiáticos, destaca que

[...] todas as dicas médicas, psicológicas, ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas, de todos esses campos de conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com o nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tornarem presente no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade. (p.50)

A partir disso, é possível pensar que o saber do especialista corrobora a idéia de responsabilização do sujeito. Ou seja, cada um é responsável pelas suas escolhas, sejam elas produtoras de sucesso ou fracasso, como dito anteriormente. Bauman (2007), entre outros autores, ao analisar a condição do sujeito no contexto pós-moderno, destacam a ênfase ao esforço individual que a cultura do consumo tem produzido, ao passo que “o esforço é pessoal. E igualmente o fracasso do esforço. E a culpa pelo fracasso. E a conseqüente sensação de culpa”. Assim infiro

que vivemos numa lógica em que o indivíduo é responsabilizado pelos seus atos e pelas conseqüências que estes podem produzir.



Figura 05: Use a cabeça

Nessa mesma direção e fundamentada nas discussões de Bauman (2007), Schmidt (2006), destaca que atualmente “cabe ao indivíduo a escolha, a disposição e mesmo a opção em relação às posturas individuais a serem seguidas entre o vasto leque de alternativas que culturalmente lhe são dadas”.

Corroborando com os autores mencionados, Peters (2003) e Gordon (1991) em seus estudos sobre neoliberalismo, destacam os sujeitos como ‘empresários de si’. Assim propõe que o contexto neoliberal produz uma “espécie de individualismo que envolve moldar a vida da pessoa como empresa de si mesma” (PETERS, 2002, p.220-221). Dentro dessa noção de empresário de si, o sujeito vestibulando, deve ser capaz de organizar sua vida, seu tempo, suas prioridades, ou seja, se autogovernar.

Portanto, no momento do vestibular, é prescrita a ordem ao jovem vestibulando: *não chute! Use a cabeça.* O sujeito deve *usar sua cabeça*, os conhecimentos produzidos ao longo do seu estudo e realizar a prova com consciência, pois *usar a cabeça* é uma ação em que o pensar, a consciência estão implícitos.

CAMPEÃ DA UFRGS
A receita de persistência de Camila

Estudante prestou cinco vestibulares antes de conquistar a sonhada vaga no curso de Medicina

MARKER NICHARD

lvenia do destino, foi no hospital que Camila Kelly Chioldi, 21 anos, passou o primeiro domingo depois da aprovação no curso de Medicina da UFRGS.

De tão feliz, a primeira colocada entre 36.314 candidatos não conseguiu comer quase nada desde sexta-feira, data da divulgação do listão.

Vestibular Embora os médicos ainda não tenham batido o marido sobre a causa de virem que cabem a partir de Três Passos no seu nome, é possível que a reação tenha ligação a interação. Na sexta-feira, a rotina de aguardado dentro a estudante estática, lembra no tempo, não acredita quando viu o próprio nome em primeiro lugar.

— Ainda não caiu a ficha, na hora, não acredito. Fiquei muda, apática, depois de tanto esforço, eu consegui a vitória médica.

A esposa de Camila deu os cinco anos e cinco vestibulares. *AM* 16

o 7º ano do Ensino Médio, finalizado em Curitiba (PR), onde morou com o pai e casou o terceiro.

Tão logo pegou o certificado de conclusão, em 2008, viajou para Porto Alegre. Foi seu primeiro vestibular para Medicina. Com a aprovação, veio a decisão de mudar na capital gaúcha. Durante quatro anos frequentou cursinhos pré-vestibulares. Mesmo perseverando, os portões da faculdade de Rua Ramiro Barcelos não se abriam.

— Ela não descansava, estudava direto, quase sem parar. Passei vários natais sem ela. Mas o pior ano foi em 2008, quando o pai dela nos deixou — diz a mãe, Dulce Ruth Chioldi.

Aos 63 anos, Germano Chioldi morreu vítima de câncer no pâncreas. Nos dois meses que faltaram para as provas, Camila queria desistir de tudo, não ia mais às aulas. Com o apoio de mãe, professores e irmãos, ela retornou aos estudos. Ainda assim, não foi contemplada no processo seletivo.

Em 2009, por pouco o nome não continou no listão. Ela ficou como primeira suplente. Surpresa diferente teve o companheiro de estudos e namorado, Bernardo Parati, que conquistou a vaga no vestibular.

Com experiência no concurso, Camila adotou uma tática nova que deu certo.

— Retirei conteúdo o nervosismo. Não me cobrar tanto. A culpa por não ter passado nos outros anos me libertava — avalia.

As horas de dedicação aos estudos, porém, não mudaram. Oitava aula pela manhã e à tarde no cursinho pré-vestibular Unificado Med. As atividades, se entregava as leituras obrigatórias. O laser, segundo Camila, pode ter sido o divisor de

PARABÉNS Camila
1º lugar Medicina-UFRGS

Depois de passar o dia no hospital com uma virose, estudante foi recebida com faixa de título em casa

Uma vestibulanda mais tranquila

A pontuação
EM 25 QUESTÕES

- Biologia - 25
- História - 21
- Matemática - 24
- Literatura - 21
- Língua portuguesa - 21
- Língua estrangeira - 21
- Química - 24
- Física - 25
- Geografia - 22

— Não perdi meus livros, mas reservei tempo para ir ao cinema ao parque e namorar bastante. Passei as festas de fim de ano com a família mãe — afirmou a estudante.

Antes do vestibular derrota em este ano, além de fazer a Enem, Camila ainda tentou entrar na PUCRS, onde ficou na suplência. Com calma, erigiu o calor de Janeiro, concluiu as provas da UFRGS e aptou por não corrigir nenhum gabarito.

O colégio rendeu uma média harmônica de 80,5, 54 e o espaço

Figura 06: A receita da persistência

A reportagem destacada apresenta a vestibulanda Camila que prestou cinco concursos vestibulares da UFRGS para ingressar no curso de Medicina. destaca que se mudou para Porto Alegre, para poder frequentar os melhores cursinhos e se dedicar aos estudos. Ao lembrar os cinco anos em que Camila enfrentou o vestibular da UFRGS, mãe cometa a dedicação da filha “*ela não descansava, estudava direto, quase sem parar. Passei vários natais sem ela*”. Muitos são os esforços empreendidos para atingir o objetivo de ser aluno da UFRGS.

Além dos materiais que prescrevem condutas, esta, entre outras reportagens, destacam a importância do esforço individual que deve ser realizado por cada

vestibulando. Assim, é necessário que o sujeito seja responsável por suas ações, suas escolhas, seus movimentos, a fim de atingir o objetivo de ser aprovado no vestibular. Tais ações colocam a aprovação na UFRGS como algo que deve ser trabalhado diariamente, ou seja, ser aprovado na UFRGS é a ordem que conduz as ações de tais vestibulandos, ações estas que dependem da vontade e persistência de cada um, nessa lógica, o que impera é ser aprovado na UFRGS.

4.2 “Para passar na UFRGS, é preciso muito mais! – É PRECISO PERTENCER!!!!

Assumida a posição de que a mídia veicula discursos que constituem o sujeito como o responsável por aquilo que faz ou deixa de fazer, faz-se necessário destacar também, que a mídia, veicula um jeito de ser aluno universitário, o qual deve ser jovem e feliz. É possível visualizar uma identidade juvenil, a qual é interpelada por diversas formas de capturas, as quais produzem no jovem um sentimento de pertencimento aquele universo dos cursinhos pré-vestibulares.

Os materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares, veiculados pela mídia impressa -seja através de folders, jornais- ou ainda nos sites dos próprios cursinhos, não estão apenas buscando a venda dos seus produtos –matrícula nos referidos cursinhos-, mas estão atrelados a um estatuto pedagógico da mídia, o qual publiciza padrões de comportamento, ensinando modos de ser e estar no mundo. Os materiais analisadas trazem em suas imagens representações daqueles que deveriam ser os alunos dos cursinhos e posteriormente os alunos da UFRGS, conforme exemplificado na figura 08: sujeitos jovens, descolados, felizes.



Figura 07: Saída do cursinho



Figura 08: Timão UFRGS



Figura 09: Passei na UFRGS

Segundo Sabat (1999) “é por meio da mídia que diariamente observamos imagens de femininos e masculinos construídas com o objetivo de vender algum produto ou alguma idéia” (p.30). As imagens representadas nos materiais, são de sujeitos jovens, tanto femininos, quanto masculinos.

Nesse sentido, ao serem interpelados por determinadas imagens, os vestibulandos não estão apenas analisando e escolhendo o cursinho pré-vestibular que estudariam, mas sim estão consumindo idéias e valores implícitos na mídia. Sarlo (2004) destaca que “sonhamos com as coisas que estão no mercado” (p.26). Assim somos sonhados pela cultura, pelas capas de revistas, pela publicidade, etc. Nesse sentido, cada sujeito encontra nestas representações, valores e ideias, que se constituem o seu fio de Ariadne, conduzindo-se a determinado fim e objetivo estabelecido.

Por mais que os sujeitos interpelados por tais imagens não consumam seu produtos, eles consomem seus anúncios e os significados que carregam. Os materiais analisados tem seu endereçamento a um público específico, entretanto, podem atingir outros públicos. Nessa direção, fundamento estas discussões a partir do conceito de modos de endereçamento, cunhado por Ellsworth (2001). Segundo a autora,

É possível ver um modelo de sujeito jovem, masculino ou feminino, sempre alegre e feliz. Geralmente, os materiais trazem imagens de sujeitos jovens branco. As imagens retratam um perfil do tipo de aluno que estuda nos cursinhos pré-vestibulares.

O conceito de modo de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme.(p.15)

Ou seja, os sujeitos aos quais são endereçados os artefatos midiáticos, devem se reconhecer nestes. Uma vez que ao se reconhecerem, estarão produzindo um sentimento de pertença a determinada representação.

Os cursinhos pré-vestibulares desenvolvem ao longo do ano, diversos eventos e momentos em que os seus alunos são convocados a participarem. Conforme imagem a seguir.

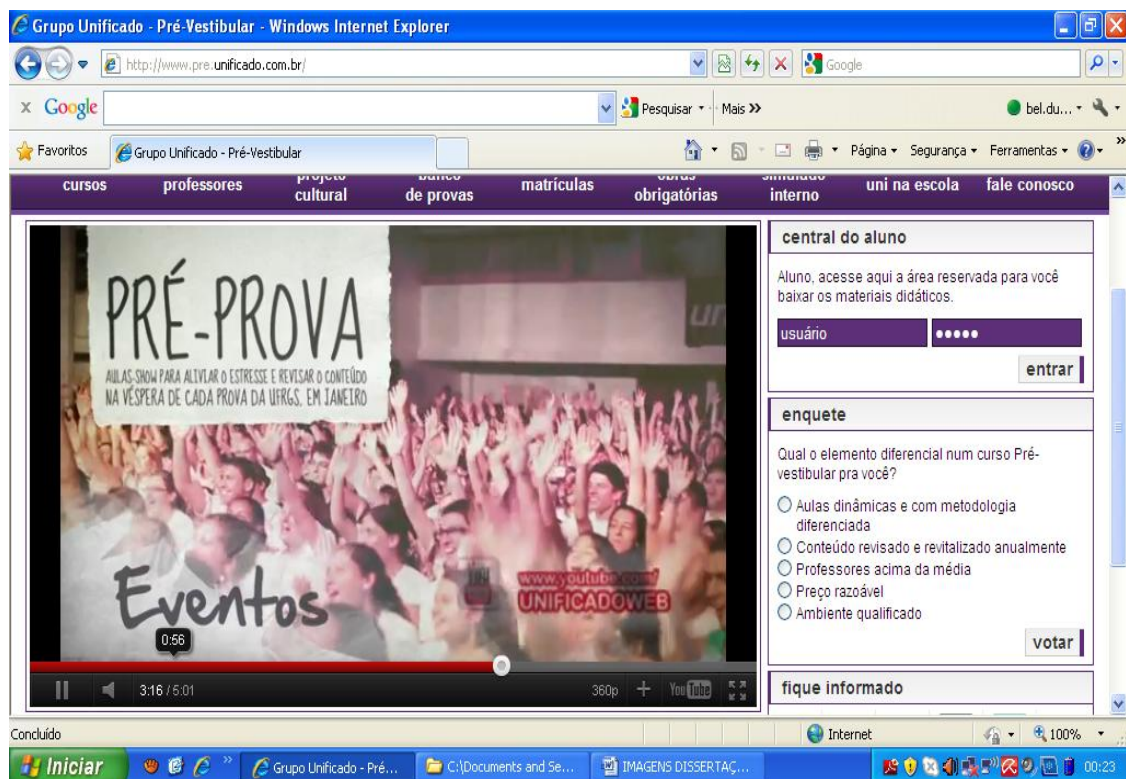


Figura 10: Site Unificado - Eventos

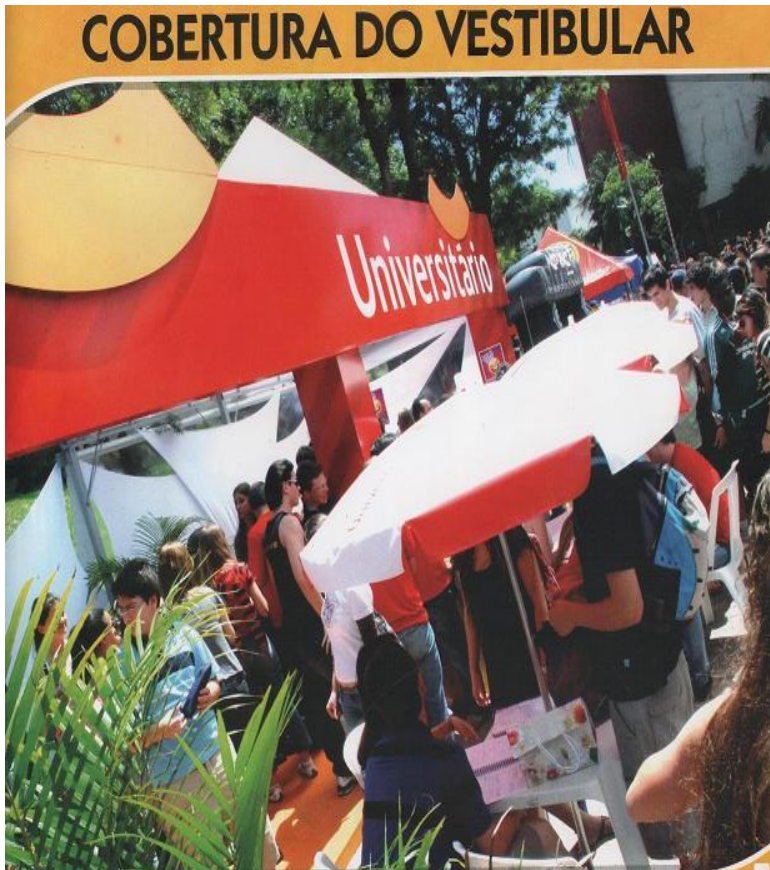


Figura 11: Cobertura do Vestibular

São práticas que fazem parte do o universo jovem, as quais constituem um jeito de ser jovem, produzindo a juventude como um estilo de vida. Assim, estar presente em tais momentos, como na cobertura do vestibular, por exemplo, faz daqueles sujeitos, parte daquele universo. É preciso frequentar o sarau literário, o pré-prova, as festas, a *have* literária para pertencer àquela comunidade, a qual tem um objetivo em comum: *passar na UFRGS*.

Entretanto, aqueles que não foram aprovados, também comparecem a estes eventos, ou seja, também são capturados por estas representações, uma vez que consumiram sua idéia. São jovens que comparecem a festa das tintas, por exemplo, para se sentirem pertencentes a este público. Querem estar lá para se sentirem parte



Figura 12: Festa das tintas

comunidade. Bauman (2003) argumenta que não há nada melhor que fazer parte de uma comunidade, de pertencer a algum grupo, de se sentir parte de um público.

Nessa mesma direção, Garbin (2001), destaca que é a condição de ser jovem deve ser compreendida como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento

Ao destacar que vivemos uma modernidade líquida (Bauman, 2001), em que as certezas se esvaziaram e as verdades já não se sustentam, é possível pensar que há uma necessidade de se prender em alguma coisa, de pertencer a algum grupo, o que se constitui numa ação de desespero do sujeito. Nessa direção Bauman (2005) destaca que os sujeitos buscam a redenção ou mesmo o descanso, num sonho de pertencimento.

Os sujeitos são cerceados por esses apelos que a mídia faz para o jovem ingressar na UFRGS. O qual se vê sujeito dessa ação, se reconhece nessa ação, uma vez que os materiais analisados procuraram apontar quem é o aluno que poderá ingressar na universidade: sujeitos jovens.



Figura 13: Redes sociais

Esses pertencimentos se dão através de discursos que visam produzir um tipo de juventude. São jovens que vivem esta condição de uma maneira bem específica, tornando a juventude uma estilo de vida. Os materiais mostram que os alunos dos cursinhos, são aqueles que frequentam as festas, se sujam de tinta, participam de sarais literários, estudam, se dedicam. Ou seja, vivem esse momento transitório, de uma maneira leve, saudável, jovem. Aqueles sujeitos que aderem a esse estilo, aderem também a uma identidade de vestibulando, identidade essa, que se movimenta na liquidez dos nossos tempos, uma vez é uma identidade transitória, efêmera, que não irá permanecer por muito tempo.

Identifico o jovem vestibulando, como aquele que não está lá nem aqui. Ou seja, não é mais o aluno do Ensino Médio, mas também não é o aluno da Universidade. É o aluno jovem dos cursinhos pré-vestibulares, os quais vivem uma condição jovem ambivalente, uma vez que, ao mesmo tempo em que são convocados a se divertirem, a curtirem festas e haves, também são convocados a estudarem, a se organizarem, a se disciplinarem, etc, práticas modernas, mas que ainda hoje, constituem esses sujeitos. Atrelar a diversão aos compromissos e responsabilidades juvenis, é uma das estratégias que a mídia lança mão, para capturar os sujeitos jovens.

É preciso fazer com que o jovem se reconheça em tais anúncios. As imagens apresentadas têm a intenção de mostrar ao seu público, que este cursinho está presente nas mais variadas redes sociais, realiza diversas festas, etc. É tácito, na contemporaneidade, que os jovens são os maiores usuários destas redes, que frequentam festas e procuram diversão, assim, eles serão o público capturado por tal estratégia. Uma vez que irão se reconhecer nesta propaganda, sofrendo o processo de identificação com a mesma, tornando-se sujeitos dessa prática.

5. O nome no 'listão'¹⁷ - Algumas considerações...

Após um ano ou mais de estudo, dedicação e empenho, os jovens vestibulandos aguardam ansiosos a espera do listão. 'Abrir' o site da UFRGS e

encontrar seu nome na lista dos aprovados do vestibular da é a maior conquista que aqueles jovens poderiam sonhar naquele momento. É o presente que todos os concorrentes às cinco mil vagas aguardavam. Enfim, é chegada o fim de uma caminhada, o que para alguns pode ter sido mais que uma, ou seja, uma longa jornada



Figura 14: Listão 2012

de muitos anos. É o fim de uma etapa, mas o começo de outras, entre elas, a vida acadêmica.

Assim, a escrita desse capítulo, também se constitui no fim de uma caminhada, assim como no começo de outras muitas. Finalizar esta dissertação, não significa fechar as portas e dar por encerrada as discussões realizadas sobre mídia, discursos, imperativos e sujeitos jovens. Vivemos em um mundo marcado pelas dúvidas, pelas incertezas, pelas verdades provisórias, o que de certa forma, nos inquieta, nos desacomoda, nos desestabiliza. Nessa direção, os achados e os resultados dessa pesquisa, também são provisórios e parciais (COSTA, 2002). Entretanto, mais do que apresentar resultados, quero apresentar algumas possibilidades para pensar algumas relações que podem ser estabelecidas entre esses temas tão urgentes no cenário contemporâneo.

¹⁷ Nome dado à lista dos aprovados nos vestibulares.

Os sujeitos jovens são interpelados diariamente por diversos artefatos midiáticos, sejam eles impressos, eletrônicos, digitais ou exteriores. O mercado, segundo Sarlo (2004) corteja os jovens, oferecendo a este público diversos produtos, mercadorias. Diante dessa contundente oferta, os jovens podem ser vistos como consumidores efetivos ou ainda como consumidores imaginários. Ou seja, segundo a autora, há aqueles que realmente irão consumir determinadas mercadorias (consumidores efetivos) e há aquele que irão consumir as idéias e os valores que circulam em determinada publicidade, denominados consumidores imaginários. Sejam eles consumidores efetivos ou imaginários, os jovens são capturados por inúmeros materiais midiáticos os quais ensinam um jeito de ser, de agir e de se constituir sujeito no cenário pós-moderno.

Os materiais analisados veiculam o discurso de responsabilização do sujeito, a partir do qual, o sujeito jovem vestibulando se vê como o único responsável por suas ações e por aquilo que faz ou deixa de fazer com a sua vida. A escolha pelo cursinho pré-vestibular que irá estudar, a escolha pela forma que irá se dedicar aos estudos, a escolha de como deverá agir na hora das provas, são escolhas que dependem de cada um. Assim, o sucesso ou o fracasso são resultados de uma escolha bem feita ou mal feita. Tais materiais ensinam as condutas que devem ter os jovens que sonham com uma vaga na UFRGS, através das dicas para se prepararem para as provas. Ou seja, é possível ver o estatuto pedagógico operando nesse momento, uma vez que a mídia ensina como o jovem deve estudar, o que ele deve fazer nos dias que antecedem às provas, quem deve ser o sujeito a frequentar os cursinhos pré-vestibulares, etc. Entretanto cabe a cada um, fazer a escolha certa. Decidir o que fazer diante de tais prescrições, de tais imperativos.

Os jovens se reconhecem nos anúncios televisivos, nos *busdoors*, nos folders, nos sites dos cursinhos pré-vestibulares. Esse processo de identificação faz com os jovens se sintam pertencentes aquele



Figura 15: Sujeitos jovens vestibulandos

grupo, fazendo parte daquela comunidade que tem como objetivo em comum ser aluno da UFRGS. Segundo Bauman (2005) fazer parte de uma comunidade, é ter tudo aquilo que sentimos falta, ou seja, a comunidade se torna tudo aquilo que precisamos para poder viver. Ao fazerem parte do grupo de alunos que estudam em cursinhos pré-vestibulares, os jovens se reconhecem como sujeitos capazes de concorrerem às provas do UFRGS, pois é veiculada a idéia de que para ser aluno da UFRGS, é preciso antes, ser aluno dos cursinhos pré-vestibulares.

As discussões feitas ao longo desta escrita devem ser entendidas como possibilidades para se pensar a mídia, educação e sujeitos jovens. Essa tríade, é um dos assuntos, que vejo como urgente na sociedade contemporânea. Uma vez que a mídia assume o papel de ensinar, incitar, educar modos de ser e estar no mundo, tendo nos jovens, um público produtivo e promissor para seus investimentos.

Outras discussões podem ser pensadas a partir deste estudo, as quais aponto como possibilidades futuras para outros estudo. Tais discussões me inquietaram durante a escritura dessa dissertação, e, devido ao tempo curto para este estudo, não puderam ser mais aprofundadas. Em forma de perguntas, elas constituem o final dessa escritura: qual o papel da Universidade Pública na sociedade atual? Como pensar a importância das Instituições Federais de Ensino Superior no processo de aprendizagem? De que forma, a Universidade vem se constituindo em um espaço de reconhecimento e pertencimento juvenil? Ser

aprovado na Universidade Pública pode ser pensada como uma prática de caráter moral?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BURKE, Peter. **Uma história social de conhecimento: De Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais** – Corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, n.23, p.36-61, 2003.

COSTA, Marisa V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 13-22.

_____. **Ensinando a dividir o mundo**; as perversas lições de um programa de televisão. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPEd, Maio/Jun/Jul/Ago 2002b, nº 20.

_____. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa; BUJES, Maria I. E. (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisas nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 199-214.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: _____. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 139-153.

CORAZZA, Sandra. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

DAUFEMBACK, Adriana A. **O imperativo do corpo magro e identidades corporais adolescentes na revista capricho: uma análise a partir da gramática visual**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UNISUL, 2007

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos** –

nos rastros do sujeito. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.7-76

FISCHER, Rosa M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividades.** Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 114, p.197-223, novembro/2001.

_____. A paixão de trabalhar com Foucault. In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). **Caminhos Investigativos I - Novos Olhares na Pesquisa em Educação.** 3ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina, 2004, v. 1, p. 39-60

_____. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREIRE FILHO, João. **Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos.** Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, em junho de 2010.

GARBIN, Elisabete Maria. **Culturas juvenis contemporâneas: cenários de múltiplos desordenamentos.** No prelo.

_____. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da internet.** Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2001.

_____. **Cultur@s juvenis, identidades e Internet: questões atuais.** Revista Brasileira de Educação, n.23, p.36-60, mai/jun/jul/ago, 2003.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985).** 3ª. Ed. São Paulo: Cortez editora, 2000

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. In: **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 101-162.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. a Alfredo Veiga-Neto. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** . Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA DA SILVA, Eloenes. **A Gente Chega e Se Apropria do Espaço!** Graffiti e Pichações Demarcando Espaços Urbanos em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

LINCK, Rosane S. **Hora do recreio!:** processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998

MARGULIS, Mario y URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. IN ARIOVICH, Laura (et al.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MELLO, Luciana M. H. de. **Campanhas publicitárias 'vendendo saúde':** discurso 'científico' e consumo construindo modelos de vida saudável. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. "Estudos Culturais: uma introdução". In: SILVA, T.T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* Rio de Janeiro: Vozes, 1995

PETERS, Michael. Governamentalidade neoliberal e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 2002, p. 211-224.

PROVIN, Priscila. O imperativo da inclusão nas universidades comunitárias gaúchas: produzindo —atitudes de inclusão?. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

QUADROS, Marta C. **Contando histórias, governando a vida:** pedagogias do rádio informativo no cotidiano contemporâneo. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, 2005.

RAMIRO, Adriane. **Estratégias de Governamentalidade no âmbito da promoção da saúde: o controle do peso corporal como estilo de vida saudável.** Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

RÊGO, Sheila N. **Os professores de história dos cursinhos pré-vestibulares de Fortaleza:** Cartografia da Trama das Relações de Saber e Poder. Dissertação de Mestrado – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, UEC, 2008.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis-RJ. 30ª. Edição: Editora Vozes, 2006.

ROSSI, Rossana C. **Patrolando juventudes**: o caderno Patrola ensinando jovens a consumir. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SABAT, Ruth. Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

SARAIVA, Karla. **Outros tempos, outros espaços**: internet e educação. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SCHMIDT, Saraí P. **Ter atitude**: escolhas da juventude líquida – um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SCHMIDT, Saraí; STOCKER, Pâmela . A mídia ensina o verniz da tolerância jovem.. In: 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd),, 2009, Caxambu, MG.

SEVERO, Rita. C. B. S. **As gurias normais do curso normal do Instituto de Educação de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SILVA, Roberto R. D. da. **Universitário S/A**: estudantes universitários nas tramas de Vestibular/ZH. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, 2008.

SILVA, Thais C. da. **Juventude trans-viada**: identidades marcadas invadem a rua. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SILVEIRA, Rosa M. H. da. “Olha quem está falando agora!” – A escuta das vozes na educação. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 61-83.

_____. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa. **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 117-138.

SPÓSITO, Marília P. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), v.2. – Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. **A Universidade Medieval**. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. **A Universidade**: das Origens à Renascença. São Leopoldo : UNISINOS, 1994.

UNESCO. **A Educação Superior no Brasil**. Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe IESALC – Unesco – Caracas, 2002.

UNIFICADO. Disponível em: <<http://www.pre.unificado.com.br/>> Acesso de: 02 jan. 2011 a 30 jan. 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/>> Acesso de: 02 jan. 2011 a 30 jan. 2012

UNIVERSITÁRIO. Disponível em: < www.universitario.com.br/vestibular>. Acesso de: 02 jan. 2011 a 30 jan. 2012

VEIGA-NETO. Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 23-38.

VEIGA-NETO. Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, nº23, 2003.

VESTIBULAR UFRGS. Disponível em: <<http://www.vestibular.ufrgs.br/>> Acesso em: 10 jan. 2011.

WORTMANN, Maria L. C. Análises Culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa. **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p.71-90, 2007.